

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Oração do Santo Padre pelas Vocações Religiosas	257
Primeira Semana de estudos realizada pela Secção Estadual do Ceará <i>Irmã Joelina Soares e Sá, Secretária da Secção</i>	263
Os Votos Religiosos e os Tempos Modernos <i>Frei Camilo de Piamborno O. F. M. Cap.</i>	266
A Religiosa Assistente Social <i>Maria da Conceição Machado de Castro</i>	280
A Religiosa Enfermeira, em face de seu Voto de Castidade <i>Irmã Leonie Bonfim F. C.</i>	291
Formação Religiosa e Pedagógica do Educador <i>Irmão Leonel, Marista</i>	299
Um Centenário — Religiosas de Santo André	316
Irmãs Franciscanas do Coração de Maria	318
Curso de Desenho Promovido pela C. R. B.	319
Novas Fundações	320

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. Iriteu Leopoldino de Souza S. D. B.

O AÇÃO DO SANTO PADRE PELAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS

Transcorreu, a 11 de fevereiro, o segundo aniversário da fundação da Pontifícia Obra das Vocações Religiosas. Pela fausta celebração dessa data o Santo Padre, de quem é conhecida a especial e paternal solicitude para com esta parte eleita da Igreja de Deus constituída pelos Sacerdotes e Religiosos, a pedido do Emmo. Card. Valério Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos e Presidente da P. O. V. R., dignou-se compor uma especial oração para implorar de Deus muitas e santas vocações ao Estado religioso.

Dita oração foi recitada pela primeira vez públicamente, na Igreja de S. Andrea della Valle, de Roma, pelo mesmo Emmo. Card. Valeri, no dia 11 de fevereiro, quando, comemorando o aniversário da P. O. V. R., era celebrado o "Dia das Vocações Religiosas".

Transcrevemos aqui o texto da oração, publicado em "L'osservatore Romano" de 8 de fevereiro, ao qual seguiu, no dia seguinte, um oportuno comentário que também aqui reproduzimos. O texto original da oração foi reproduzido em "L'Oss. Rom." do dia 10 do mesmo mês, tendo sido entregue, depois, como preciosa dádiva, à P. O. V. R. que remeteu fotocópia à C. R. B. (Nota da Redação).

* * *

Senhor Jesus Cristo, modelo sublime de toda perfeição, que não só convidais continuamente as almas privilegiadas a tenderem a uma tão elevada meta, mas ainda as incitais com a força poderosa do vosso exemplo e o impulso eficaz de vossa graça, a vos seguirem em tão excelso caminho, concedei-nos que muitas

saibam e queiram corresponder às vossas doces inspirações, abraçando o estado religioso, no qual serão objeto de vossa solicitude particular e terna predileção.

Fazei que de tal modo não falte jamais um mensageiro de vossa caridade a vos representar dia e noite junto ao bérço do órfão, à cabeceira do doente, ao lado do ancião e do enfermo, os quais de outra forma não teriam talvez na terra quem lhes estendesse a mão compassiva; fazei que nas humildes escolas como das altas cátedras ressoe sempre uma voz, eco da vossa, que ensine o caminho do céu e os deveres próprios de cada um; fazei que nenhuma terra, por mais inhospita e distante que seja, deixe de ouvir o apêlo evangélico, convidando todos os povos a entrarem no vosso reino; fezei que se propaguem e se elevem aquelas chamas, nas quais deve arder o mundo inteiro e brilhar em todo o seu esplendor a santidade ilibada da vossa Igreja; fazei que em tôdas as regiões floresçam jardins de almas de escol, que na contemplação e na penitência reparem as culpas dos homens e implorem a vossa misericórdia. Fazei que na imolação constante dêstes corações, na pureza nívea destas almas, na excelência de suas virtudes, reviva sempre sôbre a terra aquêlo modelo consumado de filhos de Deus que viestes revelar-nos.

Enviai a estas falanges de vossos prediletos numerosas e boas vocações, almas resolutas e firmes no propósito de se tornarem dignas de graça tão assinalada e do santo Instituto a que aspiram, pela exata observância dos deveres religiosos, oração assídua, mortificação constante, perfeita adesão da própria vontade a tudo o que é vosso beneplácito!

Iluminai, ó Senhor Jesus, muitas almas generosas com os ardentes fulgores do Espírito Santo, amor substancial e eterno, e, pela intercessão poderosa de vossa amorosíssima Mãe Maria, excitai e conservai ardente nelas o fogo da vossa caridade, para glória do Pai e do mesmo Espírito Santo, que convosco vivem e reinam por todos os séculos dos séculos. Assim seja!

* * *

A augusta oração que o Santo Padre se dignou benignamente compor para obter de Deus um aumento de vocações à vida de perfeição e para que os chamados se tornem cada vez mais dignos da predileção divina para com

êles, enche de alegria e de gratidão as almas consagradas nos Estados de perfeição, que nela vêem um novo atestado de benevolência do Sumo Pontífice, seu Supremo Moderador.

Mas não sòmente por esta razão a agradabilíssima dádiva é recebida com júbilo. Ela, de fato, testemunha também a contínua, maternal solicitude da Igreja para com as vocações religiosas e a estima que ela cultiva para com a dignidade e utilidade dos Estados de perfeição.

Diffícilmente podem ser enumerados os documentos do magistério eclesiástico nos quais vem exaltada sua excelência. Seja suficiente lembrar aqui, entre muitos, os mais recentes de S. S. Pio XII, gloriosamente reinante, como a Encíclica "Sacra Virginitas" (21 de março de 1954), as Constituições Apostólicas: "Provida Mater" (2 de fevereiro de 1947), "Sponsa Christi" (21 de novembro de 1950), e "Sedes Sapientiae" 31 de maio de 1956), e numerosos Discursos e Cartas aos Religiosos em várias circunstâncias. "Como poderia a Igreja — dizia o Santo Padre a 13 de dezembro de 1951 às Irmãs Educadoras — em tempos recentes e recentíssimos, ter cumprido plenamente sua missão, sem a obra que centenas de milhares de religiosos realizam com tamanho zelo na educação e na caridade? e como poderia cumpri-la em nossos dias?".

Da vocação ao estado religioso, de sua existência, natureza, necessidade, grandeza, não menos abertamente falou Sua Santidade aos Delegados do Congresso Geral dos Estados de perfeição (8 de dezembro de 1950).

Inúmeros documentos atestam portanto que a Santa Sé e a Hierarquia Eclesiástica, no decorrer dos séculos, sempre e em tôda parte se preocuparam em defender e promover as vocações à vida religiosa. Particularmente nestes últimos tempos, diminuindo em várias regiões o número de vocações, os Sumos Pontífices e o Episcopado recomendaram vivamente ao zelo e às orações dos fiéis as vocações sacerdotais e religiosas. "Esta crise nos causa graves preocupações", dizia S. S. Pio XII às Superiores Gerais, a 15 de dezembro de 1952.

Desde 1916, com Decreto da Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício, Bento XV, como prova de especial solicitude e benevolência, admitira que "tôdas e cada uma das indulgências e o privilégio a respeito de Missas, concedidas por sua Santidade o Papa Pio X... às obras já existentes ou a serem erigidas ainda, destinadas a favorecer e auxiliar as vocações eclesiásticas, sejam extendidos às Obras similares destinadas a favorecer e auxiliar as vocações religiosas e a entrada ao noviciado para cada Ordem, Congregação ou Instituto, seja de homens que de mulheres,

já canonicamente erigidas ou que o forem depois" (A. A. S., 3 de novembro de 1916, p. 399).

Com essa comunhão de bens espirituais foi estabelecido um primeiro vínculo estável entre tôdas as Obras de Vocações gradualmente fundadas nos diversos Países.

Em 1941, tornando-se cada vez mais grave a penúria de sacerdotes, com o Motu Proprio "Cum Nobis", o Santo Padre instituiu a "Pontifícia Obra Primária das Vocações Sacerdotais" junto da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades de Estudos.

Enfim, para prover mais eficazmente às vocações dos Religiosos e das Religiosas, Sua Santidade, a 11 de fevereiro de 1955, com o Motu Proprio "Cum Supremae" erigia, junto à Sagrada Congregação dos Religiosos, a "Pontifícia Obra Primária das Vocações Religiosas", com o fim de "concitar os fiéis, com todos os meios e sobretudo através das diversas Obras instituídas em cada região, a favorecer, proteger, ajudar as vocações aos Estados de perfeição cristã, a difundir o conhecimento exato da dignidade e da utilidade dos Estados de perfeição, assim como a chamar os fiéis de tôdas as partes do mundo a uma comunhão de orações e de práticas piedosas".

A admirável oração que, a dois anos apenas da instituição da Obra, o Sumo Pontífice se dignou escrever para ela, enriquecendo Sua dádiva com a indulgência de 10 anos, facilitará muito a consecução das altíssimas finalidades que lhe são próprias, seja pelas graças divinas que a mesma oração conseguirá obter, seja pelos profundos conceitos que nela se contêm.

Não é difícil, meditando o texto venerável, ver nêle claramente enunciada a tradicional doutrina da Igreja sobre a vocação divina, fundamento da vida religiosa e sacerdotal.

Nêle, de fato, não sômente vem exaltada a grandeza e a excelsa dignidade do Estado de perfeição ("... tão alta meta... tão excelso caminho...") mas, como elemento constitutivo da vocação, é indicado explicitamente o chamado divino, interior ("Senhor Jesus Cristo, modelo sublime de toda perfeição, que não só convidais continuamente as almas privilegiadas a tenderem a uma tão elevada meta, mas ainda as incitais com a força poderosa do vosso exemplo e o impulso eficaz de vossa graça, a vos seguirem em tão excelso caminho, concedei-nos que muitas saibam e queiram corresponder às vossas divinas inspirações, abraçando o estado religioso..."), "... graça tão assinalada...").

De certo êste aspecto divino ou interior da vocação não exclui, e pelo contrário exige, o aspecto exterior e jurídico, que consiste no chamado ofi-

cial da Igreja ("Vocari a Deo dicuntur qui a legitimis Ecclesiae ministris vocantur" — P. III, De Ordine, 3 — Conc. Trid. sess. XXIII, C. 3, 7); os dois aspectos não são contrapostos, mas complementares, ambos elementos essenciais da verdadeira vocação, como está afirmado claramente na Constituição Apostólica "Sedes Sapientiae": "Et primo quidem totius vitae sive religiosae, sive sacerdotalis et apostolicae fundamentum, quod divina vocatio appellatur, duplici veluti essentiali elemento constitui neminem ignorare volumus, divino scilicet altero, altero autem ecclesiastico" (A. A. S., 48-1956, p. 357).

Da oração composta pelo Santo Padre se obtém, portanto, um conceito da vocação, rico de interioridade e sobrenaturalidade, qualidades que se estendem também aos sinais de vocação, dos quais de preferência são destacados os espirituais. Não há aceno algum, de fato, tanto aos dotes físicos que à idoneidade moral e à reta intenção ("... no qual — o estado religioso — serão objeto de vossa solicitude particular e terna predileção... ", "almas resolutas e firmes no propósito de se tornarem dignas de graça tão assinalada e do Santo Instituto a que aspiram, pela exata observância dos deveres religiosos, oração assídua, mortificação constante, perfeita adesão da própria vontade a tudo o que é vosso beneplácito!". Estas são as boas vocações que somos convidados a pedir "numerosas" a Deus.

Se a constância nesse "firme propósito" é sinal de vocação, mantê-lo constantemente significa estar no caminho da santidade, da perfeição cristã, que é o dever fundamental das almas consagradas, e que, em sua realização, reproduz "...aquêlê modelo consumado de filhos de Deus, que (vós, Jesus) viestes revelar-nos".

Portanto na oração estão indicados também os meios sobrenaturais necessários para se conseguir "tão elevada meta", que refulge "na imolação constante dêstes corações, na pureza nívea destas almas, na excelência de suas virtudes", consumindo-se no "fogo da caridade", pelo Santo Padre invocado como síntese e coroamento de tudo. "Conforme os ensinamentos do Divino Mestre, a perfeição da vida cristã consiste no amor para com Deus e para com o próximo (cfr. Matth. 22, 37 38 39), amor que deve ser verdadeiramente fervoroso, ativo. Se tiver êstes dotes, pode se dizer que abrange, em verdade, tôdas as virtudes (cfr. I Cor. 13, 4 seg.) e com razão pode ser chamado "vínculo de perfeição" (Col. 3, 14) "(Pio XII, Exortação "Menti Nostrae", Tip. Poliglotta Vaticana, 1950, I, 12).

Ora, não pode existir alma que ame de tal modo, que ao mesmo tempo não seja um apóstolo, e ninguém pode ser verdadeiro imitador de

Jesus, se não levar seu apostolado até ao extremo sacrifício de si mesmo. O apostolado nada mais é senão uma chama de caridade, "ardor da caridade" segundo São Francisco de Sales, pois não existe verdadeiro apostolado que não seja sobrenatural em seu princípio, no objeto, nos meios e no fim.

Dêste apostolado e de suas várias formas o Sumo Pontífice expressa os louvores na oração, exaltando simultaneamente o espírito de dedicação, às vezes heróico, das almas religiosas que se entregam, na assistência social, a serviço dos órfãos, dos que sofrem, dos velhos, dos doentes; "nas humildes escolas como das altas cátedras", ao serviço dos ignorantes, dos que duvidam, dos que estão longe; nas missões, ao serviço dos infiéis, para que "nenhuma terra, por mais inhospita e distante que seja, deixe de ouvir o apêlo evangélico, convidando todos os povos..."; nos mosteiros, "jardins de almas de escol", ao serviço do mundo todo, para a sua salvação "na contemplação e na penitência".

O aumento em número de boas vocações religiosas permitirá que a invocação do Vigário de Cristo: "fazei que se propaguem e se elevem aquelas chamas, nas quais deve arder o mundo inteiro, e brilhar em todo o seu esplendor a santidade ilibada da Igreja", possa ser traduzida numa constante realidade.

Para êsse fim todos devemos levantar a Deus nossas humildes súplicas, repetindo a inspirada oração que o Santo Padre se dignou pôr em nossos lábios, augustíssima expressão de sua paternal e apostólica solicitude, tratado sintético sobre a vocação à vida de perfeição, que a Pontifícia Obra das Vocações Religiosas, com profundo reconhecimento recebe para meditar, recitar e propagar.



PRIMEIRA SEMANA DE ESTUDOS REALIZADA PELA SECÇÃO ESTADUAL DA C. R. B. NO CEARÁ

Irmã Joelina Soares e Sá M. J. C.
Secretaria da Secção

Protegida pelas bênçãos divinas, revestiu-se de pleno êxito a Primeira Semana de Estudos realizada em Fortaleza, de 10 a 14 de fevereiro de 1957.

Entre os quatrocentos e cinquenta Religiosos que à mesma compareceram, destacaram-se três figuras de relêvo no campo da Igreja: o Exmo. e Revdmo. Sr. D. Antonio de Almeida Lustosa, D. D. Arcebispo de Fortaleza, que a tudo acompanhou com vivo interêsse, colaborando de perto na C. R. B.; os Revdmos. Srs.: Pe. Paulo Bannwarth S. J., M. D. Provincial dos Jesuítas do Nordeste autêntico orientador desta Semana; o Pe. Irineu Leopoldino de Sousa S. D. B., acatado Secretário Geral da C. R. B., cuja atuação profícua e oportuna jamais esqueceremos.

Pregaram a meditação, cada manhã, os Exmos. e Revdmos. Srs. Bispos Auxiliares de Fortaleza, Crato e Sobral: D. Expedito Eduardo de Oliveira, D. Vicente Araujo Matos e D. José B. Coutinho.

Nesta batalha em prol de um maior bem comum, permaneceram ao nosso lado, combatendo, dois valorosos exércitos: os Carmelos de Fortaleza e Recife, em cujas orações nos apoiamos. Às Carmelitas, heroínas ocultas, enviamos nosso fraternal reconhecimento.

Ilustrando os trabalhos da Semana, foi apresentada uma artística "exposição", contendo variado material catequético, litúrgico e pedagógico. Constitue preocupação para o Departamento de Catecismo, conseguir que esta exposição se torne permanente, para fins de estudo e apostolado.

Iniciou-se a Semana com a "Hora Santa", pregada pelo Revmo. Pe. Valdemar Marques S. J., na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no dia 10 de fevereiro às 16 horas.

No dia imediato, precedendo a sessão plenária, o Exmo e Revdmo. Sr. Bispo Auxiliar D. Expedito Eduardo de Oliveira, fez uma fervorosa meditação sobre Vida de Fé. Estávamos no dia 11 de fevereiro, e o calendário desta Arquidiocese, assinalava o aniversário natalício de S. Excia. Revdmo. D. Antônio de Almeida Lustosa. Foi bem justa, portanto, a homenagem prestada, neste momento, ao nosso amado Pastor. O Revdmo. Sr. Pe. Paulo Bannwarth S. J. comunicou à assembléia a transcorrência desta efeméride, solicitando uma prece em honra do antístite da Igreja cearense. A iniciativa

do Revdmo. Pe. Paulo Bannwarth S. J. encontrou franca acolhida, sendo também aplaudida a deliberação tomada de enviar a S. Excia. Revdma. um telegrama de felicitações.

Prosseguindo a sessão plenária, ouviu-se a palavra culta do Revdmo. Pe. Monteiro da Cruz S. J., dissertando em tórno do belo tema: O Fundamento da Vida Religiosa, concluindo que "o Religioso deve praticar a humildade para se realizar natural e sobrenaturalmente".

Sob a orientação do Revdmo. Pe. Abner Andrade Furtado S. J., houve uma mesa redonda sôbre o Apostolado da Oração, nos Colégios.

Entremeada de sobrenatural delicadeza e rica de unção, foi a palavra do Exmo. e Revdmo. Sr. Arcebispo D. Antônio de Almeida Lustosa, sôbre a vida eucarística, antes da segunda sessão plenária.

Logo após, o Revdmo. Frei Camilo M. de Piamborno O. F. M. Cap., explanou sua tese encarando "os religiosos e os tempos atuais", em face da necessária adaptação, salvaguardando o aliverce e o vīgamento das Ordens e Congregações Religiosas.

E numa admirável sequência, foi festivamente recebido no auditório, o Revdmo. Pe. Irineu Leopoldino de Sousa S. D. B., iniciando sua primeira palestra, a que se seguiram outras, agindo, sempre que se fazia necessária a sua interferência.

As 19.30 horas, apresentou o Revdmo. Pe. Irineu, aos Semanistas, o filme do Segundo Congresso dos Religiosos. Este filme foi exibido no auditório do Colégio da Imaculada, dirigido pelas Filhas da Caridade, que num largo espírito de compreensão, colocaram à disposição da C. R. B., as dependências do majestoso Colégio.

Coube ao Exmo. e Revdmo. Sr. D. Vicente Matos, a incumbência de fazer a meditação "Vida de Esperança", desempenhando-se magistralmente.

Era o dia 13 de fevereiro, e o canto do Credo, com o qual principiavam as sessões plenárias, foi substituído pelo — "Ave de Fátima" — expressiva demonstração de amor filial à excelsa Mãe de Deus.

Em prosseguimento, o Revdmo. Frei Gil de Almeida Bonfim O. F. M., expôs sua tese: — A Vida Religiosa e suas finalidades.

Nas sessões especializadas que se realizaram para os Educadores, Religiosas enfermeiras, e Religiosas que se dedicam às Obras Sociais, foram debatidos palpitantes problemas de acôrdo com os interesses de cada secção, dando lugar às conclusões práticas.

Assim é que, para os Educadores ficou, principalmente, a orientação segura proveniente da tese: Formação Religiosa e Pedagógica do Educador, de autoria do Revdmo. Irmão Leonel — Marista.

trução geral em bases cristãs, de um mundo inteiro em ruínas, se voltou em trépida ansia e particular amor, exatamente, para os religiosos”.

Pio XII, o ancião mais jovem que os tempos já viram, vem prodigalizando conselhos e orientação a essa porção ascolhida do seu rebanho, a fim de atualizar as suas formas de apostolado, para que não fique em situação de inferioridade ante o exército inimigo.

Série insensato e indigno da nossa parte não atender às solicitações do Pastor.

A êsse apêlo do representante de Cristo na terra, os religiosos do Brasil responderam com a organização desta Conferência, que já estende seus benefícios por todo o país.

Atualizar é, pois a palavra de ordem. Nada faz temer o seu verdadeiro sentido, dentro do pensamento do Papa.

O P. Arcadio Larroana C. M. F., Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos, na 1.^a sessão plenária do Congresso dos Religiosos do Brasil, em 8 de fevereiro de 1954, muito bem a definiu e explicou :

“Consiste em movimento de renovação da graça da vocação e de todos os seus elementos comuns e característicos (espírito, disciplina, apostolado peculiar, sacerdócio).

Renovação total que se inspira no sentimento angustioso de que uma inteira série de fatores tende a diminuir o ideal da vida religiosa; renovação adaptada, que não é precisamente uma reforma. . . ”

É como diz o lema do Congresso de 1950, “Nossa renovação adaptada deve ser tal, que nos leve, com fidelidade filial, a fazer, em acética, em formação e apostolado, tudo aquilo que os nossos Santos Fundadores, precursores em seus tempos, generosos e audazes teriam feito e fariam, se voltassem a se colocar à frente de nosso Instituto”.

De fato todos os nossos fundadores foram pessoas preocupadas com os problemas de seus tempos e fundaram as suas congregações adequadas às necessidades dos dias em que surgiram, idealizando formas de vida audazes em sua época.

Assim, vemos São Vicente de Paula não querer que as suas filhas fossem religiosas, para melhor socorrerem os pobres; tirar-lhes a clausura, julgada indispensável às formas de vida religiosa daquela época.

O Venerável P. de Clorivière, para suprir as congregações religiosas expulsas da França, pela Revolução, idealiza a forma mais arrojada de vida religiosa naqueles tempos; religiosas no mundo, sem qualquer sinal exterior que as distinga.

Hoje, isso já é comum, mas em 1790, foi arrôjo inconcebível.

E assim, todos os outros fundadores.

Se aqui estivessem presentes, não seriam êles, santos e ardorosos como foram, os primeiros a atender ao apêlo do Papa?

O ideal religioso nada mais é que a realização da perfeição evangélica e essa perfeição será sempre ensinada e praticada segundo os mesmos princípios essenciais na Igreja Católica.

Há, portanto, um elemento imutável, que o espírito moderno nunca poderá abolir. Mas êsses princípios serão realizados pelos homens em condições de vida muito diferentes, que variam de acôrdo com os séculos, lugares, modos de sentir e viver dos povos. A maneira de praticar a pobreza, por exemplo, varia de congregação para congregação, conforme o fim a que se destina e também de um país para outro.

Na América do Norte, onde desde a infância as candidatas à vida religiosa usufruíram o máximo conforto, não poderão suportar as privações que se passam em certos conventos da América e da Europa. Não podemos recriminá-los; dentro dessa aparência de riqueza, pode existir muito sacrifício.

Também não queremos dizer que tudo o que é acessório deva ser mudado, ou que seja preciso modificar tudo o que não seja de instituição divina, mas o que o Papa deseja é que se compreenda o "homem de hoje" as necessidades do tempo e que para satisfazê-las, não poupemos esforços, e nos tornemos tão hábeis em levá-los para o bem, quanto os filhos das trevas o são para perdê-los.

Trata-se, como disse o Santo Padre, "de reter e continuar o que o passado tem de melhor, de caminhar de encontro ao futuro com o ardor de uma inalterada juventude".

Se assim consideramos "atualização", como explica, se ela consiste não em "conformar-se com êste século", o que significaria "tomar a forma de", mas "adaptar-se", isto é, "tornar-se apto para" é que ousamos afirmar estar o Serviço Social dentro do plano desejado pelo Papa e empreendido por esta Conferência.

O S. S. nada mais é que a evolução da forma de auxílio à pessoa humana.

Como bem sabemos, foi o cristianismo que deu grande impulso à caridade. Os primeiros cristãos punham seus bens em comum e distribuíam aos pobres.

Depois, os diáconos passaram a ser os distribuidores das esmolas.

Na Idade Média, começam a aparecer as ordens religiosas especialmente destinadas a dar assistência aos necessitados.

Surgem leis referentes aos pobres e a forma de auxílio vai-se chamando ora fraternidade, ora filantropia, ora beneficência, ora caridade, conforme a filosofia de vida que a anima.

No século XVII, São Vicente de Paulo multiplica as instituições para socorrer tôda a sorte de misérias. Inicia as visitas domiciliares, para bem estudar a forma de auxílio a ser dado.

Frederico Ozanam com as "Conferências Vicentinas" não se contenta com dar esmolas, mas procura resolver os problemas das famílias.

São João Bosco, com os Oratórios Festivos, faz-se precursor do S. S. de Grupo, servindo-se da recreação para educadar.

Assim, pouco a pouco a caridade vai-se organizando e chega-se à conclusão de que "dar a esmola" não é o melhor. A esmola só é legítima, quando realmente necessária. O melhor é ajudar o indivíduo a bastar-se a si próprio.

Esse trabalho de "ajudar o próximo", já não pode ser feito empiricamente. Estudar os problemas que afligem as famílias, os grupos sociais e procurar solucioná-los não é fácil; exige conhecimentos vários, faz-se necessário preparar os agentes e, assim, nos fins do século XIX, aparece, nos Estados Unidos, a primeira Escola de Serviço Social.

Os americanos iniciam e se tornam mestres na arte de ajudar os outros. No tratamento dos problemas sociais aplicam os princípios da psicologia, da sociologia, do direito, exercitam-se nas técnicas da pesquisa e da entrevista, constituindo uma verdadeira arte, a que chamamos Serviço Social.

Dos Estados Unidos nos vem, sem dúvida, a técnica, exagerada, por vezes, sob o impulso de uma filosofia materialista, mas cabe a nós, religiosas, não despresá-la, mas colocá-la a serviço dos princípios eternos e imutáveis de nossa santa religião.

Por isso a UCISS tem-se empenhado em precisar e divulgar uma concepção sadia do Serviço Social, tendo em vista a restauração da ordem social cristã.

E' o atualizar, solicitado pelo Papa. Valorizar o nosso apostolado com os métodos e técnicas modernos.

II — O S. S. como preparação para a Vida Religiosa

Nada de grande se improvisa. Quanto maior a grandeza do ato que nos propomos realizar, mais apurada deve ser a sua preparação.

Quatro mil anos foram empregados para preparar a vinda do Salvador e os homens não o compreenderam.

A vida religiosa também deve ser preparada. Por uma vida pura, pela oração, sem dúvida, mas também por um trabalho que nos leve a amá-la, a facilitar-lhe a prática das virtudes que exige, a exercer o apostolado da congregação que escolhemos.

A formação de um A. S. é especificamente uma formação para a vida e para o apostolado. De fato, toda a formação é para a vida, porém, cremos que, de maneira muito especial, numa Escola de Serviço Social, se ensina a viver. Ensino teórico e prático. À medida que os princípios que regem o S. S. vão sendo estudados, imediatamente são vividos nos estágios sob a orientação de A. S. experimentado.

O estudante de Serviço Social começa a conhecer de perto, ambientes diferentes do seu e a sentir-lhes os problemas. Aprende a ouvir, a observar, exercita-se em compreender os outros e é constantemente iniciado nisso. Esse trabalho obriga à reflexão, a estudar a fonte dos sentimentos dos outros, levando-o também a uma introspecção, que o faz analisar os seus próprios atos, a procurar a causa de seus sentimentos e atitudes, mesmo inconscientes.

Introspecção não para tornar-se escrupulosa, mas para conhecer-se e agir concientemente : para saber julgar-se e decidir-se.

Não será isso útil ao conhecimento próprio e, portanto, à vida de perfeição ?

A concienzosa prática do Serviço Social exige a aplicação de todas as virtudes sólidas. Vejamos.

Humildade, fundamento da vida religiosa, é continuamente exercitada pela A. S. no exercício de suas funções.

A Assistente Social ajuda os seus assistidos, orienta-os, procura esclarecê-los acerca dos seus problemas, estuda com eles um plano de tratamento mas eles **decidem a própria sorte**. É princípio básico em S. S. A vontade da A. S. desaparece diante da do assistido .

Acompanha os clientes, enquanto precisam da sua ajuda, mas o seu trabalho só terá êxito se ela os tornar autônomos. Tanto no S. S. de Casos, como no de Grupo e de Comunidade o papel da Assistente consiste sempre em despertar o interesse, ajudar e, depois, ceder o campo aos elementos do grupo ou da comunidade.

Aparecer e desaparecer é sempre a tática para atuar num grupo, para desenvolver um plano de organização de comunidade.

Tanto mais perita será a Assistente Social, quanto mais habilmente

souber trabalhar em surdina, dando às pessoas a impressão de que não são dirigidas, mas, sim, que agem por si mesmas. Trabalho de esquecimento de si, de valorização das capacidades alheias. Diminuir-se para que a personalidade dos outros apareça.

Paciência — “Partir de onde o cliente está, aceitá-lo como é”.

Outro princípio básico em Serviço Social. Quanta paciência êle não exige! Aceitar as pessoas com as suas deficiências, seus caprichos, sua rudeza, suas misérias morais, suas contínuas voltas e indeciões; ouvir, deixar falar, repetir as mesmas cantilenas... labutar meses a fio e... nada conseguir. Bom treinamento de paciência.

Perdão das injúrias — Dar de seu tempo e de suas forças; empreender longas caminhadas para satisfazer a algum pedido e... receber, em troca, ingratidão e até malquerença.

Abnegação — A prática do Serviço Social exige abnegação. Serviço Social e comodismo não se coadunam. Quantas vezes as nossas alunas se queixam de que já não têm tempo para passear. Quantos sacrifícios de cinemas, por ficarem até mais tarde nas obras atendendo a um cliente que chegou atrasado; manhãs de domingo em busca de alguém, que reside distante; horas perdidas nos Institutos atrás de papeis para resolverem os casos.

Esse ponto é motivo sempre de desistências no 1.º ano. As egoístas, sem espírito de sacrifício desistem, ou se colocam hábilmente em alguns trabalho burocrático.

Prudência — virtude tão necessária ao Assistente Social quanto à religiosa. Aprender a esperar, a meditar sobre uma situação difícil, a buscar os melhores meios para atingir um fim; saber dizer ao assistido o que deve e quando deve; dizer a verdade sem melindrar; persuadir e convencer pelo equilíbrio de suas palavras; inspirar confiança.

Discrição — Tôdas conhecemos o perigo de uma religiosa indiscreta, que não sabe calar um segredo, que não sabe discernir o que se deve ou é conveniente dizer. A Assistente Social durante sua formação é bem prevenida nesse sentido e exercitada na guarda do “segredo profissional”, ponto importantíssimo da sua formação básica, específica.

Vemos nesse conjunto de qualidades e nessa maneira de ser da verdadeira Assistente Social uma ótima preparação para tôdas as futuras religiosas de qualquer Instituto e mesmo para as futuras diretoras de obras, Mestras de Noviças e Superiores.

Podemos afirmar, com experiência própria, que as noções de S. S.

muito nos têm ajudado a dirigir as filhas e, se melhor não o fazemos a culpa não cabe ao Serviço Social, mas à nossa pouca capacidade e virtude.

A técnica da integração, estudada em S. S. de Grupo deve ser utilizada dentro das comunidades. Não negamos que muitas superiores inteligentes e hábeis a tenham conseguido, por intuição e virtude ajudadas com a graça, mas, se uma arte fôr colocada a serviço da virtude e da graça, certamente os resultados serão mais apreciáveis.

Não quero dizer que tôdas as Assistentes Sociais realizem êsse tipo ideal e sejam perfeitas. Absolutamente. Ao contrário, poucas atingem êsse ideal. Justamente porque é difícil, exige uma visão sobrenatural da vida e um esforço constante para a perfeição.

A alma religiosa, sim, deve chegar a vivê-lo.

Focalizemos agora os três votos e vejamos se para o cumprimento integral dêles o Serviço Social traz algum inconveniente.

A Pobreza — Sabemos que o voto não implica o desprezo dos bens materiais; que não é também uma manobra para assegurar o necessário à vida dentro de uma congregação religiosa. Ele consiste num desapego consciente e voluntário de todos os bens materiais e na dependência dos superiores no uso desses bens.

É fruto do amor, a última etapa de uma evolução pessoal. A alma compreende a caducidade dos bens da terra, compreende o quanto a sua posse nos prende a êste mundo e às suas misérias, medita sôbre o exemplo de Cristo, que se fêz pobre por nosso amor e dedica-se então, a um desprendimento efetivo. A pobreza não é ausência, não é falta, pròpriamente de alguma coisa, é um desprendimento, em vista de uma libertação. O pobre é livre, o único bem que possui é Deus e êste ninguém o pode tirar.

Para auxiliar essa evolução, cremos que o trabalho social é poderoso auxiliar. O contacto com a miséria, o infortúnio, desperta na alma que ama a Nosso Senhor um mundo de energias, de dedicação para essa pobre humanidade sofredora.

Moças ricas, habituadas ao conforto, quando deixam suas casas por um convento, talvez o julguem duro demais; mas, se tiverem passado por algum tugúrio, se conhecerem, não de ouvir contar, mas de fato, na realidade, a vida dos pobres, a transição será menos dolorosa.

Relativamente à **virtude angélica** haverá algum inconveniente, na prática do Serviço Social ?

A pureza deve ser a nota distintiva da alma consagrada e não poderá ela no contacto com as misérias da vida manchar-se, prejudicar a sua beleza ?

Em primeiro lugar diremos, que pureza não é sinônimo de ignorância. Podemos ser rigorosamente puras e conhecer a realidade da vida. Exemplo de Sto. Tomaz de Aquino.

O grupo das jovens prodigiosamente preservadas no meio familiar é muito pequeno hoje em dia.

A maior parte das que entram na vida religiosa conhecem ao menos o essencial do que chamamos mistérios da vida. Outras, porém, sabem de maneira insuficiente ou errônea, por vêzes falsa e imoral. As ingênuas, se chegarem assim à vida religiosa, precisam ser cuidadosamente acompanhadas, pois será difícil escaparem a alguma crise. Precisam de certos esclarecimentos para não serem perturbadas por escrúpulos e inquietações mal fundadas. Mesmo para emissão dos votos precisam conhecer a que se obrigam.

Mas poderá uma ingênuas exercer o apostolado hoje em dia ?

Não será preferível que a jovem entre em contacto com a vida, que estude certos problemas de ordem biológica e psicológica à luz de uma filosofia católica, de comprovada idoneidade moral, tal como se dá em nossas escolas? que pense neles com um sentido de combatê-los, não se detendo pròpriamente neles, mas com a visão de mal a ser evitado ?

Para certos temperamentos nervosos, pouco equilibrados, o trabalho social pode motivar alguma crise de consciência, e, se não forem capazes de superá-la devem ser afastados. Trata-se de problema individual, mas não da profissão. Aliás, o S. S. exige, antes de mais nada, equilíbrio emocional.

Essa experiência de vida adquirida nos lares desajustados, nas escolas, nas oficinas e fábricas, no cotejo de tôda a sorte de desajustamento dá à moça, se é psicologicamente equilibrada, um amadurecimento emocional apreciável na vida de perfeição.

Em geral, as almas sadias, equilibradas, amadurecidas, enfrentam a vida religiosa com muito mais segurança e possibilidades de êxito, que as ingênuas.

Quanto à obediência haverá qualquer contra-indicação para êsse voto ? Essa experiência de vida não dará justamente à Assistente Social certa independência de ação, certa preponderância sôbre os outros?

Se foi realmente bem formada, tanto no ponto de vista social quanto religioso e acético, afirmamos que não.

O P. Meschler define a obediência como "uma virtude da vontade que abarca o exercício exterior da ordem recebida e a conformidade interior da vontade com esta ordem".

Obediência de ação, primeiro grau, indispensável ao exercício do voto, obediência da vontade e do juízo.

Obediência é abnegação, fruto de um grande amor ao Cristo, que leva a alma religiosa a renunciar à própria vontade. É a efetivação do dom total, essência da vida religiosa.

Mas a obediência para ser perfeita requer também o uso da razão, do discernimento. Para isso, é preciso procurar compreender o fim que o superior tem em vista ao dar uma ordem; compreender sua intenção. Sto. Inácio manda que nos esforcemos por encontrar as melhores razões que justificam as ordens recebidas; fazer seu pensamento o do superior. Uma melhor compreensão assegura melhor execução.

Prêviamente, persuadir-se que é com razão que o superior nos manda.

A submissão é uma colaboração que damos às intenções do superior, tão inteligente, hábil e desinteressada quanto possível. Esta colaboração ao serviço da causa de Deus se inspira tanto da parte da autoridade como, do súdito, num sincero desejo de promover a glória de Deus, de dedicar-se à sua causa. Assim a obediência religiosa se revela ao mesmo tempo obra da natureza e da graça; é prudência e sabedoria ao mesmo tempo que eminente caridade.

Razão e prudência se unem em favor da submissão.

Nos casos em que as decisões tomadas pelas superiores pareçam nitidamente inoportunas, ineficazes, impróprias ao fim em vista, podem ser expostas ao superior, com deferência, respeito e objetividade as dificuldades e obstáculos previstos.

Se não obstante as explicações, o superior mantém a sua maneira de ver, nada mais resta senão obedecer. Caímos na obediência cega, mas não irracional, lembrando-nos que aquele que obedece, nem sempre pode julgar as ordens dadas, não conhece a situação vista de cima, ou pelo menos, não pode conhecer todos os elementos e circunstâncias.

Quando em Ética Profissional, falamos às nossas alunas das relações com os chefes de serviço procuramos bem focalizar dois pontos :

- 1.º o princípio da autoridade — qualquer que seja, vem de Deus;
- 2.º necessidade de compreensão não só dos assistidos, mas também dos superiores hierárquicos.

Se isso se exige para uma autoridade administrativa, quanto mais profunda deve ser a atitude de uma A. S. para com os seus superiores religiosos.

"Compreender" é o grande "slogan" do Serviço Social.

Ora, se no S. S. as Assistentes fazem verdadeiro treino na arte de compreender os outros, porque não terão elas mais facilidade em aprender êsse sentido racional e sobrenatural da obediência ?

Não estarão elas mais aptas a realizar essa perfeição da obediência, que, como diz São Bernardo, só será perfeita, quando o súdito cumpre o que é prescrito, segundo a intenção do superior que prescreve ?

Além disso, como já vimos, a prática do Serviço Social faz apêlo às virtudes sólidas da humildade e abnegação.

III — A Religiosa A. S. elemento apto a tôdas as formas de apostolado moderno.

Finalmente, por êsse conjunto de qualidades que o Serviço Social exige, pelo conhecimento da vida e dos homens que proporciona, pela formação sobrenatural e acética recebida num noviciado, chegamos à conclusão de que a **Religiosa Assistente Social** é um elemento apto a tôdas as formas de apostolado.

Se em cada época da história o mundo moderno é um mundo como um outro, o que atrai nossa atenção e nosso interêsse para o atual é porque nele devemos viver e agir. É segundo êle que devemos determinar as condições e as normas de nossa ação. Quando um viajante deve parar em uma região, o seu primeiro cuidado será de informar-se acêrca do clima, costumes, história, etc. Qual a situação dos nossos dias ? Uma massa compacta de desajustados povoa as cidades e os campos; os menores abandonados proliferam pelas ruas; a criminalidade aumenta. A insuficiência de recursos levou a mulher a abandonar o lar, para ingressar nas fábricas e magazines, desajregando a família em consequência.

A situação têm raízes profundas e não seremos ingênuas em pensar que o S. S., por si só, resolvê-la-á. Mas não podemos, por outro lado, negar que êle tem papel a desempenhar e que a sua importância é grande.

Tem função eminentemente educativa, baseando-se no respeito à dignidade da pessoa humana, por um conjunto de métodos e processos, serve-se dos conhecimentos de várias ciências para valorizar os seus esforços.

Consideramos o Serviço Social como a arte mais valiosa para ajudar a pessoa humana a realizar-se no meio em que vive.

Mas tudo isso ficará como cimbalo que tange se não fôr vivificado por uma vida interior.

Conheço leigos que realizam êsse ideal, sem dúvida, não "religiosas", mas, almas religiosas, no sentido de inteiramente devotadas a Deus.

Mas o ideal é demasiado elevado para a maioria dos Assistentes Sociais. Pede, como vimos, uma grande soma de dedicação e desprendimento, que não se pode exigir de quem não doou totalmente a sua vida à causa de Deus e do próximo.

A Religiosa, porém, treinada nos métodos e técnicas do Serviço Social, está apta a compreender, educar e ajudar os homens, porque impulsionando isso tudo com a sua vida interior, com o seu ideal religioso, buscando na oração e nos sacramentos a força de que necessita, para levar avante o seu trabalho e seu espírito de fé, verá no miserável que trata, o próprio Cristo, dando ao seu trabalho constância e vigor.

Precisamos, nós religiosas, não abandonar o campo que conquistamos, porque, de fato, no Brasil as Escolas de S. S. são coisas nossas. Das 20 escolas aqui existentes, 9 estão nas mãos de religiosas; 5 na de autênticos católicos e 6, na de leigos. O mesmo, infelizmente, não acontece com as Escolas de Educação Familiar, pois a maioria delas está nas mãos de protestantes, ou recebem a sua influência.

O número de religiosas Assistentes Sociais é ainda pequeno.

Até agora, tivemos apenas 5 religiosas que terminaram o curso em nossa Escola e êste ano, apenas, uma o freqüentará.

Não sei se provei o que queria; está aberta a discussão do assunto.

Conclusões :

- 1) A prática do S. S. auxilia a religiosa no exercício das virtudes sólidas.
- 2) A Religiosa Assistente Social torna-se instrumento mais apto ao exercício do apostolado moderno.



A RELIGIOSA ENFERMEIRA, EM FACE DE SEU VOTO DE CASTIDADE

Irmã Leonie Bomfim, F. C.

"Bemaventurados os puros, porque eles verão a Deus".

Foi assim que Nosso Senhor definiu o mérito e a excelência da santa virtude da pureza, objeto de um voto de nossa vida religiosa.

Caríssimas Irmãs, o assunto do estudo de hoje, é, talvez o mais necessário nos tempos hodiernos, à vida da religiosa enfermeira, e também o mais difícil. Sòmente a obediência poderia impor-me tão grande sacrifício, pois, muitos são aqueles e aquelas que se recusam falar sôbre tão delicado assunto, apesar de seus grandes talentos e autêntica santidade. Os tempos modernos, no entanto, com a complexidade que nos trazem à vida, impõem-nos o santo dever de conhecermos bem esta virtude, como também os perigos a que estamos expostas como religiosas enfermeiras. Notai bem, caríssimas Irmãs, religiosas enfermeiras, friso aqui êste título, porque na minha opinião, se a religiosa educadora precisa ter conhecimentos claros e precisos para guiar a juventude, nós necessitamos dêles em muito maior grau para salvaguardarmos a santa vocação.

Em relação aos votos de pobreza e obediência, sabemos que, para infringí-los em matéria grave, é praticamente difícil. No nosso caso, isto é, tratando-se de almas consagradas a Deus, em relação ao voto de castidade, tudo se reveste de certa gravidade. Está fora de dúvida que sem uma graça especial de Deus, sem verdadeira vocação, jamais nos será possível compreender, penetrar e realizar plenamente a beleza do ideal religioso. Basta para isto a palavra de Nosso Senhor, referindo-se à castidade perfeita: "Nem todos compreendem estas palavras, mas sòmente aqueles a quem isto foi dado". (M.XIX-11).

O que nos distingue, não é o nosso hábito ou o nosso trabalho, é a pureza votada a Deus pela consagração dos nossos santos votos. E' sobretudo o exercício da castidade perfeita, que dá a nossos atos valor sobrenatural, atraindo os olhos complacentes de Deus, o respeito e a admiração de um mundo que, apesar de corrupto, louva e exige de nós a perfeição desta virtude.

Todavia, assunto tão nobre e santo não devemos abordá-lo sem antes, implorar as bênçãos de Maria Imaculada, Aquela que foi a primeira a praticá-la na terra. Coloquemo-nos sob seu poderoso estandarte, e volvamos muito naturalmente o pensamento para Aquela que foi "cheia de graça", que nos conceda de seu divino Filho, a graça de bem compreendermos a beleza, a excelência do voto e da virtude da castidade e nos esclareça sobre os perigos que, infelizmente, encontramos em nossa profissão. Dirijamo-nos, pois, a Ela para bem estudarmos o voto de castidade. Ela será nossa força em nossa fraqueza, nossa luz nas trevas; Ela nos levantará nas quedas e nos ajudará a permanecermos fiéis à palavra dada. Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós.

Para melhor ordem de nosso estudo, pensamos dividi-lo em três partes: 1.º) necessidade do perfeito cumprimento do voto de castidade, pela religiosa enfermeira; 2.º) dificuldades gerais; 3.º) e dificuldades particulares no fiel cumprimento deste voto. Deixo de falar sobre a excelência, beleza e vantagens deste voto, para estudarmos pontos de vista de todos os dias.

1.º) Está fora de dúvida que é necessário à Religiosa, o perfeito cumprimento do voto de castidade. É o grande Apóstolo S. Paulo quem nos ensina, em sua epístola aos Coríntios: (L-34) "A virgem cuida das coisas que são do Senhor para ser santa no corpo e no espírito, dando-lhe faculdade de servi-Lo com desembaraço". Portanto, é o voto de castidade que nos permite trabalhar para Deus, santificando-nos no corpo e no espírito sem as preocupações inerentes à vida no mundo. As pessoas que vivem no mundo, não se podem dar inteiramente ao serviço de Deus, porque as responsabilidades da família e a própria manutenção, desviam um pouco a atenção para os negócios materiais. O nosso voto de castidade prende e desprende, na expressão feliz de uma de nossas Superiores Gerais. Prende-nos a Deus e desprende-nos da concupiscência da carne. Daí, me parece, surge a necessidade do perfeito cumprimento do voto de castidade, para que possamos mais livremente nos dedicar aos mistérios de nossa profissão. Só a alma prêsa a Deus por amor, livre, mesmo das afeições mais legítimas, poderá melhor servir a Deus na pessoa do doente. O cuidado do doente requer da enfermeira, cons-

tante vigilância, dedicação de todos os momentos; a doença não escolhe hora, tempo, nem circunstância. Todos os dias, cada hora, de várias maneiras, o enfêrmo reclama perto de si, o socorro compreensivo, inteligente e caridoso da Enfermeira. E se ela está prêsa por seus interesses próprios, não atendendo às solicitações do enfêrmo, pode trazer muitas vêzes desastrosas conseqüências para o corpo e sobretudo para a alma do mesmo. O nosso trabalho junto ao enfêrmo, caríssimas Irmãs, não tem em vista apenas a cura do corpo, mas principalmente a cura da alma. Foi esta a intenção dos nossos santos Fundadores, quando inspirados por Deus, criaram nossos Institutos. E, como podemos executar satisfatòriamente êste trabalho espiritual, senão com o cumprimento perfeito do nosso voto de castidade? A religiosa enfermeira, que cumpre perfeitamente seu voto de castidade, conserva constante sua vontade no bem; a religiosa enfermeira casta, é verdadeiramente livre de coração e de espírito para mais perfeitamente servir a Deus na pessoa do próximo.

2.º) A pureza é comparada a uma flor, que o menor sôpro faz murchar. Portanto, a menor falta de delicadeza sôbre êste ponto, pode ofender a Deus. Todavia, não nos devemos amedrontar em demasia; há um grande abismo entre a tentação e a falta pròpriamente dita. A direção firme e esclarecida de um santo e sábio diretor poderá, com a graça de Deus guiar-nos em tão importante negócio de nossa vida religiosa. Vejamos agora as dificuldades gerais que mais freqüentemente encontramos: o mundo, o demônio e nós mesmas.

a) O mundo com a carreira vertiginosa de seus progressos, de suas técnicas, de suas invenções, constitue um grande perigo para a castidade. Isto não quer dizer que sejamos arcaicas, inimigas do progresso. Não. Deus nos livre de assim pensar. Devemos apenas evitar tomar gosto pelo que é do mundo, e ir a êle para edificá-lo e convertê-lo. Para defender nosso voto de castidade, contra as influências do mundo, dois pontos, me parecem, chamam a nossa atenção: 1.º) Como o mundo chega até nós. 2.º) E qual o meio de evitá-lo em nossa vida de religiosas-enfermeiras.

3.º) O mundo chega até nós pelo rádio que diverte nosso doente, pelos jornais, revistas, folhetos, etc., que os doentes ou acompanhantes nos mostram, pelas conversas frívolas e pouco recomendáveis com os externos; pelos telefonemas, muitas vêzes demasiado demorados sem razão justificada. Falando do rádio, nada melhor do que êle para distrair nossos pobres doentinhos, abatidos pela doença, pela separação de seus entes queridos. A música moderna, entretanto, excitante e frívola, com suas letras obscenas, são para nós fonte de distrações e perturbações. E que pensar das novelas que

se vulgarizam entre nós, próprias a empolgar os cérebros mais impressionáveis ?

2.º) Como fugir ao mundo ? A Religiosa Enfermeira, queira ou não, está sempre em contacto com o mundo; não pode permanecer entre os muros de um convento. Sua missão de caridade, as funções de seu ofício, a põem em constante necessidade de achar-se no meio do mundo com tôdas as suas misérias. O que fazer ? Proteger-se com a virtude da prudência. Prudência no seu apostolado; prudência em suas conversações com os externos. Não tomar parte em conversas frívolas e mundanas e muito menos conversas pouco delicadas em matéria de pureza, pois, não só é desedificante, como pode produzir terríveis conseqüências às almas consagradas. Prudência nos telefonemas, legitimando-os com a devida licença, abreviando alguns, evitando outros. Há telefonemas necessários, urgentes; há telefonemas, entretanto, que, além de desnecessários, são prejudiciais a religiosas. Prudência nas leituras; bastante prejudicial, mesmo para leigos, são as revistas, jornais, boletins, etc., atuais. Não justifiquemos nossa vã curiosidade com um falso desejo de instruir-nos, para guiar os outros; nossa natureza, apesar da graça da vocação, continúa a mesma. E quantas tentações, perturbações, suscitadas pela leviandade desastrosa de querer se inteirar do que se passa para melhor evitar ? Neste ponto nada mais seguro que seguir os conselhos de nossos superiores.

b) — A segunda dificuldade geral ao nosso voto, o demônio A primeira arma contra o demônio, dizem os mestres da vida espiritual, é a santa virtude da humildade. Já foi dito por alguém: Jamais a alma verdadeiramente humilde será tentada contra a santa virtude da pureza; e se isto acontecer, por permissão de Deus, vencerá, porque a humildade servirá de tônico na luta contra a carne. O demônio não poderá fazer mal à alma escudada pela humildade. A religiosa humilde obriga, se assim posso dizer, Deus vir em seu auxílio. São Vicente, em suas conferências às primeiras Irmãs, falando sobre a castidade, dizia: "Sabeis, minhas Irmãs, que se fordes vaidosas, orgulhosas, caireis na impureza, porque é êste o castigo do orgulho. Deus permite que as pessoas orgulhosas caiam neste horrível pecado, para as humilhar; o demônio da vaidade é o mesmo demônio da impureza". Não é isto que nos mostra a experiência de cada dia? Cultivemos portanto a santa virtude da humildade por amor ao nosso voto de castidade. Cultivemos a humildade, reconhecendo que, se somos puras, devemos unicamente à graça de Deus, que só somos capazes de grandes quedas. Não presumamos de nossa idade, das vitórias alcançadas; evitemos humildemente, tôdas as

ocasiões perigosas. Principalmente sejamos indulgentes com as faltas dos outros. E quando formos testemunhas ou confidentes de alguma falta nesta matéria, longe de condená-la rudemente, desprezar a culpada, humilhemo-nos diante de Deus e saibamos reconhecer que em seu lugar seríamos capazes de muito mais, se a graça de Deus não nos amparasse. Em se tratando de nossas Irmãs, tenhamos verdadeiramente sentimentos fraternos; não as esmaguemos com nossa virtude farisaica, ajudemo-las com uma boa palavra, com uma caridosa advertência, com o nosso bom exemplo, e, antes de tudo, rezemos, por elas. Recomendemo-las a Maria Santíssima; assim aproveitaremos para elas e para nós. Finalmente, juntemos à humildade a oração e a recepção fervorosa e frequente dos sacramentos. A piedade, segundo São Paulo, é útil a tudo. Sendo a castidade uma virtude particularmente difícil, à natureza, a mais difícil de tôdas as virtudes, podemos afirmar que sua prática perfeita é moralmente impossível, sem um concurso todo especial de Deus, por consequência, sem muita oração. Rezar nos momentos difíceis das tentações; rezar também, e muito, fora das tentações.

Meditemos nas palavras de Nosso Senhor a seus Apóstolos: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação". E todos nós sabemos o que aconteceu ao pobre São Pedro. Rezemos muito à Virgem Imaculada. Corramos sequiosas à mesa da Comunhão e de lá sairemos "fortes como leões" aptas a enfrentar o demônio, inimigo número um da virtude angélica.

c) — Para defendermos nosso voto de castidade contra nós mesmas, temos dois grandes meios, principalmente: 1) fugir à ociosidade, 2) praticar a mortificação. 1) "A preguiça é a fonte de muitos males", dizem os livros santos, e, sabemos o proverbio popular que muito bem precisa sua ação: "A ociosidade é a mãe de todos os vícios". Nada mais temos a acrescentar senão que a história está aí para confirmar eloquentemente a veracidade destas afirmações. Graças a Deus, em nossa profissão quase não temos tempo para estar ociosas. Em nossas salas de doentes temos até mais trabalho do que deveríamos ter.

II) — A mortificação. É o meio por excelência para nos manter na atmosfera bendita, da santa virtude da pureza. O pecado original tornou tôdas as nossas faculdades viciadas e cada uma delas constitui para nós fonte de pecados se não exercermos uma vigilância tôda particular. Cada uma delas está inclinada a querer certas satisfações contrárias à lei de Deus. Daí a necessidade de impor o jugo da mortificação. Os nossos trabalhos, a nossa saúde, a agitação da vida moderna, não nos permitem entregarmos a tôda sorte de austeridades. Sigamos neste ponto os conselhos de um prudente e sabio dire-

tor e principalmente apeguemo-nos às diretrizes de nossas Constituições, as quais tendo Deus por autor, na pessoa de nossos santos Fundadores, traçarão para nós o programa ideal a seguir.

O que devemos mortificar? Mortificar primeiro as faculdades interiores: inteligência, memória, etc., habituando-nos a ocupar voluntariamente nosso espírito com pensamentos, representações e lembranças, verdadeiramente bons e santificantes. Pensemos em Deus vivendo em nós pela graça, em Jesus presente nos tabernáculos de nossas capelas, na hostia de cada manhã, pensemos também na Virgem Imaculada, tabernáculo puríssimo de Jesus. Mortificar o coração. É este pobre coração o que mais devemos temer. Santo Agostinho diz: "Cada um é o que é seu coração". Se amamos a pureza se fazemos de Jesus o ideal de nossa vida de consagradas, certamente seremos puras. Não nos esqueçamos de que o coração é para amar e para amar numa grande dedicação. Quantos pecados de impureza originados por afeições demasiado ternas! Onde encontramos, o mais das vezes, a causa das defecções nas comunidades religiosas, quer masculinas, quer femininas, senão nas fraquezas do coração? Portanto, vigiemos bem nossas afeições e tenhamos sempre presentes as palavras de São Paulo: "Quem está de pé, cuidado para não cair". Vigiem para que não amemos senão em Deus e por Deus. Não permitamos entrar em nosso coração afeições por demais sensíveis e puramente humanas. Não brinquemos com fogo; hesitar neste sentido é quasi consentir. Em se tratando de pureza, fugir aos primeiros sinais da tentação não é covardia.

Mortificar nossas faculdades exteriores. Sejam delicadas em nossos olhares, principalmente com pessoas de outro sexo; com nossos ouvidos, não dando atenção a certas palavras que possam trazer alguma estima de nós mesmas. O nosso corpo quando delicadamente tratado é mais facilmente levado à revolta.

3.º) — Dificuldades particulares ao voto de castidade para a Religiosa-Enfermeira. Até aqui vimos os principais perigos e meios para conservação da castidade perfeita de um modo geral. Todavia, a Religiosa-Enfermeira encontra ocasiões que lhe são peculiares.

a) — Relações com os doentes; a profissão da enfermeira tem por objetivo proteger a vida e concorrer para o alívio do próximo que sofre. A missão da Religiosa - Enfermeira é a caridade exercida para prolongar vidas e torná-las mais úteis à sociedade e mais cristãs. O doente não vai ao hospital de religiosas por acaso; muitas vezes é a mão da Providência que quer se servir da Religiosa para salvação desta alma. Para consecução de tão nobre

missão necessita de uma sólida formação religiosa, moral, intelectual e técnica indispensável ao seu perfeito desempenho. A boa Religiosa-Enfermeira naturalmente zelosa e cheia de Deus, procura a cada instante transbordá-lo na alma de seus doentes. Um grave escolho aqui se apresenta ao voto de castidade do qual devemos falar, porque às vêzes aparece tão sutil que pode passar despercebido: é a inclinação natural que temos de pensar que a ação do apostolado se faz com o muito falar. Daí a religiosa supor que para salvar determinado doente deverá dedicar-se mais a êle, procurá-lo mais, mesmo com prejuízo dos outros. Esquece-se de que o seu hábito não modificou sua natureza feminina, e que seu doente é um homem que, apesar de combalido pela enfermidade, possui todos os seus instintos humanos bem patentes. O apostolado pode ser feito de várias maneiras e deve constituir para a Religiosa-Enfermeira um meio de santificação e não fonte de tentações e quedas. A oração é necessária a tôda vida de perfeição e a todo apostolado, deverá alimentar a abnegação, manter o espírito sobrenatural e fomentar o amor divino. E' preciso que não nos esqueçamos de que o exercício de nossas atividades, visa, em última análise, santificação de nossas almas e a do nosso próximo. E nós só alcançamos essa meta, na medida em que tivermos realizado perfeitamente o ideal de nossa vocação, isto é, se formos realmente puras de corpo e de espírito. Assim, uma boa palavra, um bom exemplo, uma jaculatória dita em intenção do doente será muito mais útil que muitas pregações.

b) — Relações com o médico. Não basta querer socorrer o doente, é preciso fazer com proveito. O médico é a autoridade máxima, responsável pela saúde do doente. A êle a nossa mais digna submissão, acatamento inteligente às suas ordens e devotada colaboração. Essa necessidade da orientação do médico, para o tratamento do enfermo, implica numa constante comunicação com a Religiosa-Enfermeira. Surge, então, quando trabalhamos sem vistas sobrenaturais, uma certa familiaridade muito prejudicial à castidade; não podemos contestar que muito poucos são os médicos atuais que compreendem a dignidade do hábito religioso e influenciados pelas facilidades modernas, procuram tratar as religiosas igual às leigas. Há uma tendência de justificar certas leviandades, como necessidade de officio e assim vão perdendo o sentido moral das coisas. E' necessário que estejamos de sobreaviso para advertí-los (o que nem sempre é fácil) principalmente com nossa atitude digna e irrepreensível neste ponto. O melhor meio, me parece, é que sejamos simples, cordiais, discretas, sóbrias em nossas conversas além do

interêse do doente. Ao suspeitarmos qualquer fraqueza em nós falamos franca e lealmente aos nossos superiores.

c) — Relações com enfermeiras leigas. Geralmente trabalham sob nossa direcção um bom número de enfermeiras leigas. Não podemos prescindir de seu trabalho e não devemos ficar indiferentes a seus problemas. Esse auxilio mútuo pode causar prejuizo, e não de menor importância, se nós, em vez de sermos um apóio para a leiga deixamo-nos influenciar por ela, tomando gosto por suas levandades e facilidades. Se infelizmente encontramos religiosas enfermeiras com attitudes pouco edificantes, é efeito de relações muito estreitas com as leigas. E qual o resultado? o tédio, dificuldade na oração, esforço para suportar o regulamento e finalmente a tibieza, fonte de muitas quedas em matéria de pureza. Façamos o possível para que nossa influencia se exerça de maneira a elevar cada vez mais o nível da enfermeira entre nós, pois, muitos são os obstáculos e tropeços que elas próprias encontram no exercício de sua profissão.

CONCLUSÕES : — 1.ª) Necessidade de bem fazermos o nosso retiro mensal, para, no recolhimento interior e exterior examinar nossa vida de Religiosa-Enfermeira. 2.ª) Cultivar o espirito sobrenatural. 3.ª) Em nossas confissões semanais ter muita delicadeza em relação às faltas e às tentações contra a virtude da pureza. 4.ª) Incentivar junto às Revdas. Madres Superiores a necessidade do nosso preparo intelectual, técnico e moral. 5.ª) Em nossas reuniões mensais, procurar estabelecer maior intercambio entre as Irmãs que trabalham com doentes.



FORMAÇÃO RELIGIOSA E PEDAGÓGICA DO EDUCADOR

Irmão Leonel, Marista

Introdução:

"Ainda não nos convencemos disto, porém, é matéria incontestável que a educação é muito mais importante, para um país, do que o governo".

Isto diz Fulton Sheen, a páginas 180 do seu livro "Filosofias em Luta".

Quanto a nós, estamos cientes desta verdade, aliás não se justificava esta assembléia e, nesta, o tema que me convidaram para tratar: a Formação Religiosa e Pedagógica do Educador.

Uma observação:

Antes de encetar este estudo, cabe fazer uma observação, a fim de prevenir possíveis mal-entendidos. E é que, muito embora preenchendo aqui a ausência do Rev. Ir. Provincial dos Irs. Maristas, eu não ousei versar o assunto em seu nome.

Afora a parte teórica da educação (que está nos livros e na tradição da Igreja), tudo quanto afirmar é de minha exclusiva responsabilidade.

Dificuldades do tema:

Hesitei longamente sobre o caminho a seguir na exposição deste meu trabalho, porquanto:

a) o tema é de muito largas ensanchas e requeria que houvesse eu tido não 20 dias do meu lazer, senão alguns meses para estudo e meditação.

b) além disto o tema, ao que me parece, resume-se em apontar aquela formação religiosa e pedagógica ideal que deve ter um educador ideal, para educar idealmente. Ora, como me não posso prevalecer de forte experiência nem numa, nem noutra, a dificuldade de explanação do tema cresce de ponto.

Delimitações do tema:

Outra causa para mim de prolongada hesitação, ao querer encetar o tema, foi — se devia falar da formação religiosa e pedagógica do educador em geral — de quem quer que tenha encargo de meninos — ou se havia de restringir-me a ventilar esta mesma formação, no que respeita ao educador-religioso-confessional.

O conceito de educador decorre do de educação.

Também não podemos tratar de formação pedagógica se em primeiro não conceituarmos "pedagogia".

Resenha das pedagogias predominantes:

Ora, neste século em que o homem é curioso de todas as ciências e procura estudar também a si mesmo, com risco de se perder, nós podemos historiar quatro processos de educação, ou quatro pedagogias — de onde resalta, à evidência, haver, pelo menos, quatro espécies de educadores.

1 — Uma pedagogia naturalista, à SPENCER.

Que postula ser a natureza física a grande e única realidade. Estudar a natureza será conhecer tudo. Até o homem e o espírito são produtos de condições naturais físicas, biológicas, sociais, econômicas. Basta aprender como viver neste mundo.

2 — Uma pedagogia socialista, à DURKHEIM.

Aqui o homem muda de feição. Tudo quanto possui de especificamente humano lhe vem do social. O único real é a sociedade. O social é compulsório modelando toda a estrutura humana: física, psicológica, religiosa, moral. Basta aprender como se comportar em sociedade.

3 — Uma pedagogia estatal ou política, totalitarista, à FICHTE e HEGEL.

Só o Estado faz a perfeição do homem autêntico.

Pelo Estado vem tudo ao homem: bens do corpo e do espírito. Se assim é, o homem deve ser pertença do Estado e nada mais óbvio (para eles) que a necessidade de serem exclusivamente educados os homens para servirem os Governos.

4 — Finalmente, — e deixando de lado, como simples tendências inferiores, em educação, uma pedagogia liberal à Rousseau, sexual à Freud, utilitarista, eugenística e outras de somenos, — chegamos a:

Uma pedagogia cristã e católica.

Essencialmente uma pedagogia Personalística, Teocêntrica, Cristocêntrica e Eclesiocêntrica. As palavras dizem tudo em que consiste a nossa pedagogia.

(cf. Dr. João Pôrto — em “O Problema da Educação”). Pois que o problema da educação supõe, como estamos vendo, uma filosofia da vida; a que educadores devia eu referir este meu estudo?

Julguei que, para não me exceder e não sacrificar demais a atenção desta nobre assembléia eu devesse restringir o meu tema aos Educadores-Religiosos-Confessionais.

Muito de propósito deixarei sem crítica aquelas pedagogias que nós ex-professo repudiamos para discorrer e argumentar quase que exclusivamente dentro do campo da pedagogia católica em que nos encontramos.

O TEMA : FORMAÇÃO RELIGIOSA E PEDAGÓGICA DO EDUCADOR

— I —

IMPORTANCIA DE UMA E OUTRA FORMAÇÃO

UNIDADE :

Para um educador católico, a formação religiosa e pedagógica deve constituir uma unidade: **pedagogia - religião**. Não pode consentir-se o divórcio entre estas partes, sob pena de fracassarmos nos objetivos educacionais.

O ensino da religião carece, para ser ministrado, de uma pedagogia e, por outro lado, todos os processos de ensino para serem realmente educativos, precisam do concurso da religião.

Não quero, de maneira alguma, com isto dizer que um matemático ateu seja menos matemático do que um matemático católico. Não há, pois claro, uma física batizada e outra pagã.

A ciência, como ciência pura, não é cristã, nem protestante. Isto dá-se no terreno limitado das ciências da natureza física, biológica, onde o método experimental colhe por excelência.

Contudo, se não existe uma geometria cristã, há por certo uma história cristã do mundo. Há uma filosofia e uma teologia católica e, naquilo que mais de perto diz respeito ao ensino, há um modo cristão de viver e de saber e de transmitir o legado precioso do conhecimento às gerações que nos sucedem. As ciências estão longe de somadas, constituírem tôda a sabedoria. A ciência cujo objeto é a matéria muito pouco nos pode elucidar a cerca do espírito. E a educação é precípuamente uma obra espiritual.

Instruir e educar: Importânciapara o aluno:

A clássica distinção entre **instruir** e **educar** já faz parte do conhecimento de todos os educadores de respeito.

Instrui-se a inteligência. Treina-se o ser biológico, pela cultura física. Prepara-se, assim, o atleta e o cientista.

Instruindo, podemos estar metendo nas mãos das gerações vindouras as armas com que elas se destruirão a si, a nós e ao mundo.

Li numa revista um artigo de D. Fulton Sheen em que o grande escritor americano e príncipe da Igreja advertia que não precisamos temer a bomba atômica. Que devemos, sim, temer os homens sem Deus. E comparava: porque um grande fogo, nas mãos do ferreiro, e uma caixa de fósforos nas mãos de um incendiário, destrói. Uma bomba de hidrogênio nas mãos de São Francisco de Assis (é ainda de Fulton Sheen a comparação) não mataria nem sequer um passarinho.

Tudo depende da orientação da mente, da vontade e do coração humano. Tudo depende, portanto, da educação do homem.

Quem educa sem Deus está criando lobos dentro do redil da humanidade.

Nada pior do que o homem convencido de que, acima de si próprio, não há mais poder que o submeta.

Se as circunstâncias o favorecerem, tal homem se arvorará em absoluto, ou criará divindades da sua própria feição, ou segundo os interesses partidários das suas comunidades.

Quando falta Deus, pululam os deuses. A história está aí aberta para todos lerem: Hitler divinizou a si e a raça. O epílogo foi ruinoso. Mussolini com o fascismo não terminou melhor. E' que o Estado serve para tirano, não para fazer de Deus.

O positivismo desfez-se de Deus positivamente e positivamente divinizou a humanidade. O socialismo erigiu a sociedade em absoluta. Para Rousseau o absoluto era a liberdade. Para Wundt, a cultura. Para Kant, a auto-determinação. Para Hegel, o entendimento. Para Schopenhauer, a vontade. Para Emerson, o indivíduo. O inconsciente era tudo para Hartman. O super-homem era o ideal de Nietzsche. E que melhores coisas são para esperadas do comunismo ateu quando ele triunfa, como na China? 20 milhões de arcabuzados e outros 20 de homens desaparecidos em apenas meia dúzia de anos de ocupação falam bem mais alto do que a nossa débil voz. Uma pedagogia sem Deus não eleva os homens, não os amansa, não humaniza, não purifica das escórias do pecado original, não melhora o mundo, não educa, numa palavra. Educar é preparar para a vida nas suas formas mais altas. E' advertir os novos de que o caminho a andar é arriscado, mas que vale a pena de ser andado por um nobre ideal. Educar não pode resumir-se em atestar um cerebro de conhecimentos sortidos, iscas apetecidas da inteligência.

"Nada mais odioso do que um homem de gênio ou de vasta ciência, que só é inteligente" — afirma Lecomte du Nouy em "O Futuro do Espírito", pág. 312. Educar é mais. E' contar os segredos da existência às almas novas para amadurecê-las consciente e livremente.

Nenhum sistema pedagógico pode esquecer Deus, reafirmamo-lo. Repelindo o Deus verdadeiro, criarão substitutos impotentes para servirem aos educandos de estímulo no aperfeiçoamento de si mesmos, aquele estímulo que as Sagradas Letras denominam "initium sapientiae".

A psicologia também reclama a religião nos processos educativos. Não fosse senão um caso de psicologia, a religião beneficia altamente os pro-

cessos educativos. Para sossegar uma consciência e curar uma inquietação maníaca num jovem é muito melhor remédio o sacramento da penitência do que todas as confissões a que os psiquiatras o submetem.

Eu não digo que a psiquiatria é uma inutilidade. Mas redigo que entre a confissão ao psiquiatra e ao ministro de Deus é mais eficaz esta que aquela. Uma, se tanto servir acalma os nervos e restabelece a paz biológica. A outra confere a tranquilidade aos nervos, à alma, o coração. Estimula todo o nosso meio físico. Serena a atmosfera moral e, assegurando-nos a salvação eterna, derrama na ambiência interior uma euforia tal que nada é capaz de alterar. Estamos lembrados de haver lido em Alexis Carrel como ele se ajudava da prece para curar certos doentes. Dirão que é apenas um processo mais de auto-sugestão. Para os que têm fé, é salvação. Para quem não tem esta luz de ver melhor é possível que a prece confiante não passe, no começo, de auto-sugestão mas, ainda assim, utilíssima. Por que não lançar mão de tal processo se ele prova bem na cura, por exemplo, de um complexo de inferioridade? Além de ser uma alavanca poderosa, ou melhor, um ponto de apoio ideal para a alavanca da vontade de remover os obstáculos ao triunfo, a oração confiante pode conduzir à oração religiosa e obter a fé.

Mais ainda: não vejo por que qualquer pedagogia bem intencionada não levaria em linha de conta o influxo da religião para educar nos bons costumes, na disciplina mental, na confiança em si, na moderação, no espírito de sujeição necessário para suportar a existência e no otimismo de quem sinta que a vida, a sua vida não é uma inutilidade. Por tudo isto afianço que a religião beneficia tôdas as pedagogias que a considerarem, e que não pode haver um propósito sincero de educar que a dispense.

Instruir e educar: importância para o educador: Não só os educandos colhem vantagens de uma boa técnica pedagógica informada de religião. O próprio educador ganha, com procurar, dia por dia, aumentar o seu lastro religioso-pedagógico. Ganha em alegrias, em interesse, entusiasmo que lhe proporciona o seu encargo de mestre; ninguém educa deseducando-se. Os que aprendem continuamente são os únicos capazes de continuamente educar.

Entre nós dão-se, por vezes, deserções que desconcertam. Apostolado, magistério, nada é já capaz de manter o religioso no seu posto. Pode haver uma concorrência de causas responsáveis nisto. Uma delas, porém, é sempre (a meu ver) uma parada a meio caminho da formação religioso-pedagógica do educador. A mediocridade raro resiste às imposições do nosso estado. As vezes levou-se longe uma preparação meramente metodológica

que se confundiu com pedagogia e menosprezou-se a preparação religiosa. Outras vês deu-se uma deformação religiosa que leva a exageros, os quais apresentam sempre graves inconvenientes de ordem pedagógica pelo enfraquecimento da personalidade do professor. Uma boa pedagogia e uma boa pierlade são decorrências do equilíbrio dos fatores da mente, entre os quais está por muito, a sensatez informada de um certo poder de intuição das conyeniências, ou do estético. Tudo isto, a pouco e pouco, se vai educando no próprio educador se êle não perdeu o contacto com as realidades do seu ministério educacional; relaxar o nexo entre a educação que ministramos e a que vamos adquirindo é, por certo, pôr em risco a nossa vocação.

Perigo da deslocação do centro de interesse — O perigo está na deslocação do centro de interesse. Consideremos um professor leigo, com família constituída, e um professor religioso confessional. Ambos dão as suas aulas no colégio. Ambos podem zelar pela educação dos seus alunos. O leigo, porém, pode desvelar-se menos, pode descurar a preparação das suas aulas, pode desperdiçar o tempo facilmente das suas lições porque não correrá tão fácil o perigo de se entediar com a profissão e de romper com ela. E' que o centro, à roda do qual gira a atividade do professor civil, é a sua família. O colégio será para êle um meio de fazer progredir o seu lar, o seu tudo a que êle votou as veras da sua existência. No leigo, o professor pode desligar-se do educador, sem repercussões de ordem psíquica. E o professor confessional, nós ? Nós, ou somos educadores, na posição que ocupamos, ou nos desequilibramos da posição. Sem família, o nosso único centro de interesse é a educação. Se desvinculamos a religião do ensino, começa a operar-se insensivelmente o que atrás eu denominei "deslocação do centro de interesse". Esse centro é qualquer coisa muito subtil, muito interior, muito peculiar à vida e que explica a razão mesma do entusiasmo de ser. Não se pode existir pelo menos na condição humana atual, quando falta o centro de interesse. Se o deslocamos, deslocamo-nos com êle. Se tentarmos abolí-lo, acarretaremos o tédio, o torpor d'alma, o desespero. Neste transe, para continuar a viver só buscando um outro ponto com fôrça centrípeta capaz de abalar mais uma vez o mecanismo das nossas energias latentes. O educador confessional volta-se para o século, para outros padrões de vida. Afinal o que procura é um interesse real, que substitua o vazio interior que a fuga do interesse originário criou. Isto prova (assim acredito) a minha tese que, para um religioso educador, religião e pedagogia têm de ser inseparáveis sob pena grave de se desencadear um movimento de deslocação do interesse vital, acarretando danosas consequências.

— II —

Finalidades da formação religioso-pedagógica:

Lí, certa vez, uma dedicatória numa lembrança que um colegial de 5 anos oferecia ao seu antigo professor religioso. Dizia isto:

"Ao meu grande amigo X,
pérola dos professores;
ornamento do Senhor na vida;
e exemplo dos Homens;
ofereço com um saudoso abraço e como prova
de que nunca o esquecerei, nem
aos seus bons conselhos que tão úteis
me têm sido..."

Estas breves palavras impressionaram o interessado e impressionaram-me a mim, vivamente, porquanto me pareceu que nesta despretenciosa dedicatória vem retratado o perfil do educador, êsse verdadeiro educador que toda a juventude reclama:

- 1.º e antes de tudo "um homem";
- 2.º um homem com religião, ou sendo clérigo, um "ornamento" e não um frade vulgar;
- 3.º um professor de reconhecida competência.

Ora, é precisamente um educador assim que temos em mente, ao exigirmos para êle uma formação religiosa e pedagógica. Aquela deve moldar o homem e o cristão (no nosso caso o religioso), esta prepara o bom professor.

A formação religioso-pedagógica visa a formar "O HOMEM". O que dissermos do homem, podemos referir, mutatis, mutandis, às educadoras. Tome-se aqui a palavra "homem" na sua acepção genérica, com todas as particularidades que a natureza do sexo lhe confere. O educador há de ser, antes de mais nada "homem" com a sua masculinidade integral. Não devemos dar a impressão de que a caridade e a castidade cristãs que professamos nos desvirilizam, rebatendo em nós aquela ousadia máscula para o bem, aquela combatividade que "os filhos do século" se gabam de ter. A formação religiosa não pode consistir em despersonalizar, senão que, muito ao invés, em revestir-nos do "homem novo", que é o homem perfeito.

Um exemplo não para imitado:

Recorda-me agora o caso de um colega, por sinal, boníssimo pessoa, que a braços com uma turma irrequieta afirmava, saindo de uma aula: mas eu sensibilizei-os... até chorei na frente deles. O resultado claro está, foi o ridículo e pior indisciplina que antes.

Um monossílabo sonoro, creio que surte mais efeito em circunstâncias dessas, do que a citação dos Evangelhos, ou o relato da vida de tal Santo que, em pequeno, era muito aplicado nas aulas, Cristo até no templo correu os vendilhões a chicote.

Para que os educandos apreciem a Cristo, é preciso que Cristo lhes não apareça em nós desfigurado, sem forma de Deus — Homem verdadeiro. S. Paulo nos adverte em sua Epístola I Coríntios, XIV, 20: "Sêde meninos na malícia; mas na razão e no proceder, sêde homens feitos".

Não vamos desprezar o humano, sôbre pretexto de que aspiramos ao divino. "Nada se pode mutilar da essência ou das qualidades boas da natureza humana... Tudo o que diminui, que contrái e estreita, que nos detém pelo mêdo não é cristianismo" — Assevera Jesus. (Urteaga, no seu livro "O Valor Divino do Humano", trad. portuguesa, 2a. ed., pág. 4). E continua: há que empregar outra palavra que não seja despersonalização para designar a total purificação do pecado e más inclinações que o homem, com a ajuda de Deus, tem de realizar. Educadores confessionais, não podemos estar consentindo que os nossos alunos tenham de nós um conceito diminuído — conceito êste despertado neles por preconceitos hereditários, mas outrosim, neles corroborado pela atitude pouco decidida de boa parte de Religiosos mestres. Aos alunos pode aplicar-se aquilo do verso 152 da Eneida, I: *si forte virum quem conspexere, silent... arrectisque auribus adstant*...

Se porventura deparam com o que nós chamamos "um homem", até perdem a fala e escutam-nos de orelha fita. Peçamos a Deus que livre os nossos alunos do mal, mas não que nos dê disciplina e êxito em aula, (como eu tenho ouvido pedir). Deus não atua neste mundo por êsse modo. A Divina Providência opera através da natureza, ordinariamente.

Atributos do homem — Esforcemo-nos mais por obter estas qualidades específicas do nosso sexo :

- rijeza, sem brutalidade;
- varonilidade, sem petulância;
- decisão, sem tirania;
- afetividade, sem inconveniências;
- sociabilidade, sem pretensões à popularidade;
- religiosidade, sem beatices, nem covardia, nem fanatismo.

Um educador deve poder afirmar com o filósofo: "Homo sum..." e nada desconheço do que é humano. Desconhecer o que é humano, meus Senhores ! Não se constrói um religioso sôbre um alicerce de ignorância.

O aluno não deve desconhecer...

Tenho para mim que é prejudicial deixar o aluno com a impressão de que nós desconhecemos a vida, a masculinidade, o sexo. Os nossos catecismos, geralmente são anódinos, ou são prelecionados de cima para baixo, como se nós fôssemos anjos com asas e êles anjos caídos. Sobrevoamos, às vêzes, a região onde êles estão, mas não ousamos apelar. Sei de educadores que, no seu ensinamento catequético pretendem dar orientação moral menosprezando com o seu silêncio, os verdadeiros e profundos problemas que a masculinidade acarreta para todo jovem. Dir-se-ia que ignoram os supremos motivos teológicos, filosóficos e biológicos do voto de castidade.

Há uma arte de sugerir que o estado religioso é um estado superior de perfeição, sem deixar a impressão que menoscabamos o matrimônio.

Os moços gostam de saber as razões de uma posição, mormente quando se trata de uma posição como a nossa, que implica uma desmontagem da natureza humana e uma reconstrução sôbre novas bases. Tão prejudicial é, para a formação dos educandos, deixar que êles pensem que nós somos homens truncados, varões a meias, como aturar-lhes a infamante acusação de que somos "homens como os outros".

Está em nossa mão corrigir-lhes as noções.

Depende de nós, mestres-religiosos, com o nosso porte, com as demonstrações do nosso caráter, com a nossa palavra máscula e elevada, provar que ninguém melhor do que o cristão, deve possuir uma personalidade — sem orgulho vão — que lhe dê jus ao título de autêntico homem.

A formação religioso-pedagógica visa a formar

— O Religioso :

Afirmamos no parágrafo precedente, que a formação religiosa não deve ser de tal molde que dê de mão às qualidades intrínsecas da natureza humana. Isto seria uma compreensão deficiente do sentido religioso.

A formação do religioso há de fundamentar-se no homem feito. Como Deus fez as coisas é que elas são melhores. E São Paulo nos ensina que primeiro não é o sobrenatural, e depois o natural, mas o inverso, como os próprios têrmos indicam. Deus soube esperar que o homem, fitando as estrelas, se fôsse alimpendo das escórias terrosas, que lhes restavam apegadas. Até que, na Sua infinita sabedoria, vendo que o homem, já agora consciente e livre ia sustar a evolução do natural, preferindo o crime à lei e o terreno ao celeste, baixou a indicar a todos o caminho da realização plena.

"EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA".

Não veio a destruir a Lei, mas para que se cumprisse integralmente pela via que, ab aeterno, havia traçado.

A formação religiosa conserva os talentos naturais :

Assim a formação religiosa há-de concorrer, em primeiro lugar, para que os atributos específicos da natureza humana e os talentos não se atrofiem nos indivíduos votados a Deus e à educação da juventude.

Os talentos do educador podem ser o instrumento natural com que a graça divina trabalha nas almas.

A formação religiosa reprime um complexo possível de superioridade:

A formação religiosa deve prevenir-nos da vaidade que nos tenta a julgar-nos superiores em tudo, aos leigos. Este brio é uma extrapolação induzida pelo fato de que a classe sacerdotal ou religiosa tem sempre, apesar de tudo, gozado de prestígio. Ou ainda porque, como católicos, somos detentores da verdade eterna inabalável. Isto dá-nos justamente, uma sensação de segurança, de independência em certos domínios do saber e resolve-nos, com eficácia, o enigma da vida. Mas não percamos de vista que esta nossa posição, se é um privilégio a nós outorgado pela divina graça, é outrossim, uma responsabilidade.

A formação religiosa confere o sentido das responsabilidades :

O sentido da responsabilidade é precisamente o 3.º efeito de uma boa formação religiosa. Face aos demais educadores, nós temos a responsabilidade do exemplo. Devemos poder afirmar com S. Paulo: eles são isto, aquilo e aquilooutro ? — Também nós somos. Eles são bons mestres de ciências e línguas, conhecem a pedagogia moderna e trabalham indefessamente pela mocidade ? — Nós também. Em face dos alunos... eles também querem que o seu colégio católico seja o melhor em todos os pontos de vista. Não basta, no entanto, para isto, que lá se ensine a moral e a doutrina desapoiadas dos recursos que a técnica e a psicologia atuais põem ao nosso alcance. Estes recursos não são o principal, eu sei, mas devem atuar como agente catalítico da educação que nós temos em mira. Ora, este sentido das responsabilidades está, nos religiosos, seriamente ameaçado, porque não temos filhos e ignoramos quanto custa criá-los. Falo ainda em relação aos nossos educandos. Perante as dificuldades, num caso grave, comodamente nos desquitamos, com frases que o subconsciente liberta revelando má formação: Ora, qualquer resolução serve... trata-se dos filhos dos outros... para que perder tanto tempo...

Não está bem, porquanto, toda a educação é criação. Aqui vai o nosso mérito — não sentir a paternidade na carne, para assumi-la exclusivamente na ordem do espírito. Neste sentido até podemos afirmar que nós somos, de fato, os homens superiores, os homens-transição numa fase de de-

envolvimento mais alta, postulando continuamente a evolução de toda a humanidade para as regiões do espiritual. O que também facilita a diminuição do senso responsável é a independência econômica em que vivem os religiosos, de maneira que temos a impressão de que, nada ganhando, nada possuindo de nosso, só os diretores é que precisam dos alunos. Destarte, o que devia estimular-nos ao zelo desprendido arisca-nos à intransigência e, por tudo e por nada, vemos educadores instando com a diretoria dos colégios para que sejam expulsos tais e tais alunos sem mesmo se darem antes à tarefa de lhes estudar a possível regeneração. Aspiramos a uma vida cômoda. Ora, o certo é que nem sempre o bom e o melhor se encontram nesta linha do fácil.

A formação religiosa deve ter fundações na filosofia e na teologia :

A formação do Religioso-educador há de assentar numa base de estudos filosóficos e teológicos. . . e não sobre a leitura do hagiolégio feita no tempo do Noviciado. Não sou (todos compreendem) contra a prática da leitura espiritual e a meditação dos grandes místicos católicos. Sou contra uma formaçãozinha religiosa de vestibulo de igreja, desprovida do travejamento inconcusso que a doutrina católica apresenta a qualquer espírito pesquisador. É bem a Igreja uma rocha, firmada sobre princípios eternos, que não há arrojões de filosofia que logrem prevalecer contra ela. Não posso admitir o que tenho ouvido a religiosos de alguma responsabilidade: que para o religioso é sempre útil alguma ignorância. Admito que é preciso prudência no aprender certos assuntos: admito a conveniência, em certas idades, de reservar para mais tarde o debate de alguns problemas; admito que o Religioso haja de se incutir no próprio espírito por mais arguto e inteligente que seja, que não pode compreender tudo, que tem de moderar as suas ânsias de saber a resposta às interrogações que filósofos têm levantado insolúveis desde as origens. Mas, em tese, não se pode admitir que um educador precise de ser ignorante de nada, para que se mantenha bom religioso. Preciso é que a formação moral, mental, ascética e mística acompanhem, de perto a filosófica, teológica, científica e literária.

A formação religiosa amplia a intuição do sentido da vida :

Esta formação assim terá um outro efeito sobre a mentalidade do educador-religioso : o de lhe ampliar a intuição sobre o sentido total da vida. A vida não é qualquer coisa monótona, uniforme, esgotada nas suas manifestações em tantos bilhões de seres. A existência continua riquíssima de aspectos. Ela continuará intraduzível, inefável na individualidade de cada ser, de cada aluno, à nossa frente. O educador intuitivo porá de parte inter-

pretações ingênuas, simplistas quando houver de lidar com problemas da psicologia da juventude. Haverá mais intolerância. Um educador assim formado não precisará grande esforço para ser bondoso no trato com os novos, nem para conquistar a amizade que condiciona o seu apostolado. Normalmente a juventude o reconhecerá à distância e o amará.

A formação religioso-pedagógica visa a formar:

O PROFESSOR :

Quem quer que pretenda inteirar-se dos atributos peculiares a todo bom professor basta que se dê ao trabalho de ler os compêndios sérios da moderna pedagogia. Backheuser, por exemplo, faz um estudo primoroso daquilo que um mestre tem de ser para que lhe possamos chamar um educador. Não trarei para aqui a sábia exposição de Backheuser. Permitir-me-ão os senhores ouvintes que tão somente eu denuncie alguns pontos que merecem referidos nesta reunião de estudos especializados para professores confessionais.

O professor-Religioso deve sobressair em algum valor humano.

O aluno moderno, mercê das circunstâncias técnicas e do ambiente de curiosidade científica em que vive, é um aluno mais exigente. Ele gosta que o seu professor se distinga em algum ramo do saber — ou nas ciências, ou nas Letras, ou nas Artes. Nem precisa que seja conspícuo naquilo que leciona para que o aluno se orgulhe do seu mestre. O caso é mais psicológico do que técnico. Sei de um professor, apenas de medíocre competência profissional, mas estimadíssimo dos seus alunos, porque era excelente tocador de sanfona, tinha um ar desempenhado. Daqui vinha aos educandos a admiração e o acatamento que lhe demonstravam nas aulas... e aprendiam.

O professor-Religioso não deve equacionar modéstia e passividade:

Sobressaindo num valor humano, o professor-Religioso não precisa esconder-se debaixo do alqueire! O mundo apregoa a sua mercadoria barata com reclamos luminosos em tôdas as esquinas: nós que nos gabamos de posuir a Verdade, podemos, pelo menos uma vez ou outra, pregá-la por sobre os telhados consoante é ordem do Divino Mestre. Eu sei que devemos evitar o exibicionismo balôfo, mas temos que evitar também, o formalismo religioso que se criou nas comunidades e que leva a considerar a Simplicidade e a Modéstia como virtudes passivas, um entrave à organização de extra-curricular movimento cultural, de uma festa acadêmica e, o que pior é, como uma co-honestação do desinterêsse no campo profissional. Tal Religioso-Educador, dizem que é muito jeitoso, mas nada faz porque afirma que "não se quer

mostrar". Resultado : deixa o trabalho para os colegas, que têm de dar tratos ao cérebro, para conseguirem alguma coisa. E assim por diante, em casos análogos. Hoje, as comunidades religiosas de educadores já andam mais arejadas, graças a Deus. Mas ainda pretende subsistir nelas o verdete que, em vez de ser tida como surro, é tomado como a pátina com que os tempos legítimamente consagram as obras imperecíveis. Não quisera dar a sensação de que "mundanizar" os conventos é adaptação para o apostolado moderno. Mas não é. Eu pleiteio a formação religiosa, de tal maneira sólida, que se prepare o Religioso para ser um professor moderno, utilizador das técnicas como os demais, superior a êles, se possível e nem que estas adaptações necessárias o prejudiquem minimamente na sua vida de contemplador místico. Na preparação pedagógica do Religioso há de haver prudência, é bem de ver. O estudo da obra literária de certos autores, pode representar um risco para o professor. Por isto mesmo é que o normal será preparar o Religioso para encarar, imune, êsse risco e não cometer-lhe a cadeia de Eça de Queiroz e vedar-lhe a leitura do mesmo. A formação visa, precisamente, a dar aquela têmpera moral, suficiente para correremos os riscos da nossa profissão, sem perdermos o equilíbrio.

O professor-Religioso deve criar à imagem de Deus, de Cristo e da Igreja e jamais à sua própria feição.

Tendo nas mãos os recursos da técnica, da psicologia, da metodologia especial às matérias que leciona, o Religioso-professor atingirá, com maior eficiência, o propósito finalístico — o Teo-Cristo-Eclesioçentrismo — dominante em toda a educação cristã. Havemos de instruir, educando e educar, instruindo, segundo é nossa missão. Mas formar para êste mundo e para a eternidade. Disse que toda a educação é uma geração. Há em nós Religiosos votados a professôres, uma tendência que pode veicular sérias consequências: e é a de inconscientemente, procurarmos formar os alunos à nossa imagem e semelhança. Qual aluno só é bom se for inteligente como eu, se gostar da minha disciplina, se der para matemática, ou se possuir meu estilo... Isto é sofisma. O aluno tem uma individualidade. Distinto, por conseguinte, do seu professor, cabe-lhe ter aspirações que o seu mestre, porventura, nunca haja tido. A nós compete guiar o indivíduo inexperiente em busca da sua personalidade, para que nela se estruture. Não é dizer-lhe: o caminho é por aqui... e apontar-lhe o nosso peito, mas é insinuar-lhe que pode êle encontrar o seu caminho, andando em direitura do coração de Cristo, caminho que nós próprios vamos percorrendo.

III

O futuro da educação, num país como este, pode muito depender de nós.

Meus senhores: Depois de ter exercido o magistério em três continentes, tenho a satisfação de poder afirmar que em nenhum outro me parece estar a educação tanto à mão dos Religiosos, como neste país.

Em Portugal domina um totalitarismo educacional, direitista, é certo, mas assim mesmo uma encampação do ensino pelo Estado, o que não está provado bem na formação católica do país. A África, onde o regime é de Missões, a situação não é mais fagueira. As escolazinhas do mato não repugna ao governo confiá-las à Igreja. Nas cidades o caso é outro. Os padres são para ensinar a Religião e já basta. Desta forma a perspectiva africana (refiro-me às Províncias portuguesas) no estado atual das leis vigentes no que respeita a educação, é precária. A medida que as vilas se tornam cidades e que o nível cultural se alteia, graças à Igreja, vão os políticos laicizando o ensino, esquecendo o esforço dos primeiros. Aqui no Brasil ainda vigora um regime de liberdades no setor da educação que só conheço que o sobrepassse o de poucos e pequeninos países da Europa. A máquina governamental, no entanto, pode complicar-se e sofrer avarias na sua orgânica. Cumpre a nós educadores confessionais, garantir os direitos de Deus, da Igreja e da família na modelagem das gerações por vir. Ainda bem que estamos vigilantes. Esta Semana de Estudos da Conferência dos Religiosos, dá-me a certeza disto. A nós compete garantir os direitos da educação religiosa no futuro. E para tal, cumpre desencadear um movimento para mais e melhor.

1.º) Sendo fermento e sal.

Não podemos confundir-nos com os outros, sem o que deixamos de levedar a massa. O sal é a mínima parte no todo, mas é ele que evita a corrupção e prepara as refeições saborosas.

Se nós Religiosos abrímos colégios com a mira nos lucros materiais e só admitimos ou excluimos alunos em função do fator econômico, andamos desgarrados do que deve ser. Por vêzes ouvimos isto : mas todos fazem assim... se não nos defendemos... Chamamos "defesa" às pequeninas falcatrúas às pequenas fraudes, aos arranjinhos fáceis de secretária, etc. etc. É melhor deixar que nos engane o mundo todo, de que "dessalgar-se o sal" e enganar alguém. Um colégio confessional deve lançar mão de outros meios de satisfazer amigos e impor-se no ambiente. Por exemplo: O filho do Senhor Governador é nosso aluno e, por sinal, um aluno mal aproveitado. Há dois meios de fazê-lo passar nos exames : atribuindo-lhe notas que ele não

merece — o que é ilícito; ou interessando-nos mais com êle no curso do ano, seguindo-o de perto, obrigando-o ao estudo, oferecendo-lhe até lições particulares — isto é trabalhoso, mas lícito. E assim, para o mais no gênero.

2.º — Garantir os direitos da educação... sendo pioneiros e não reboques do progresso.

Não nos deve compadecer o ânimo de andarmos sempre a reboque do progresso pedagógico. O nosso lema deve ser aquilo de Dale Carnegie "my place is at the top" — o nosso lugar é na vanguarda, geralmente nós temos receio exagerado dos movimentos modernistas. Quedamo-nos a ver onde vão parar as modas e, quando a posição já é tôda do inimigo, então gritamos aqui de Deus! que vai tudo a perder. Apareceu o rádio. Nós excomungamo-lo. E hoje certas comunidades não perdem um jogo de futebol irradiado! Era melhor, ter os religiosos preparados para ouvir boa música religiosa e clássica: era mais cultural para professores... Surgiu o cinema. Nós ainda o anatematizamos — e com razão. Mas, enquanto isso, vamos dando sessões para os alunos (e a que comparecem todos os monges anticinematográficos) sem os prepararmos para assistir com decência as fitas. Inovou-se a poesia modernista. Repudiamo-la, como padrão de mau gosto; de onde, não há estímulo. Segue-se que não há obras católicas da nova escola. E seguir-se-á amanhã que o novo estilo vingará. De onde concluirão os alunos que, para se fazer algo que se veja, é preciso ter outras idéias que não as católicas, porque os católicos produziram. Está se vulgarizando a televisão. Muitos já se temem arrepiados à visão longínqua dos males que pode acarretar. O Santo Padre, por nossa felicidade reinante, viu os males e viu outra coisa: os bens que este novo invento pode servir. Por isso exortou os artistas católicos a se interessarem desde o começo e bem orientarem os estudos. Esta é a atitude que tomar. O mundo fará a evolução conosco ou sem nós. Melhor será que nós estejamos presentes, com a luz na mão, candeia que vai à frente alumia duas vezes — diz um prolóquio popular.

3.º Garantir os direitos da educação... fazendo a evolução pedagógica à nossa maneira, e não nos limitando a uma contra-revolução de propósitos curativos.

Quando fazemos o lançamento de uma idéia nova no seio de certas comunidades de Religiosos-professores, a primeira objeção é esta de costume: ah! mas dos outros colégios nenhum até agora fez isto; chamariamos as atenções é melhor fazer como os demais. Temos de revolucionar os processos pedagógicos a nossa maneira. Se fizéssemos um inquérito era possível que todos concordássemos em que o aluno do colégio confessional se não

distingue praticamente dos outros, salvante um reduzido número. E damos catecismo todos os dias, e, nos colégios dos Irmãos Maristas pelo menos, reza-se todos os dias o terço e vai-se todos os dias à missa nos internatos. Longe de mim o demolir a própria casa. Eu entendo, porém, se há uma assembléia onde se pode fazer uma crítica construtiva é bem esta, ou então nenhuma. Quais serão as causas da nossa pouca eficiência no atingir os objetivos da educação religiosa que ministramos? Sem dúvida que os resultados não dependem só da boa semente nem do bom semeador: dependem também, do bom terreno. O ambiente social e familiar em que medra o aluno não é propício à cultura religiosa. Mas, justamente, os nossos esforços vão ser no intuito de preparar os filhos de hoje para serem bons pais amanhã e ir garantindo assim, melhor terreno para a educação.

Algumas sugestões podiam ser ventiladas entre nós com este propósito. Eu apenas anunciarei algumas.

a) Instigar a uma devoção mais livre e consciente nos internatos. A missa cotidiana havia de ser voluntária. Num colégio onde fiz a experiência de deixar franqueada a assistência ao terço no mês de maio, observei que a grande maioria não faltava. Sobretudo, desapareceram dentro da capela as pequenas brincadeiras, provocadas, como é de ver, pelos que ali iam sem devoção.

b) E' imprescindível a preparação de "elites". A estes é que se devem apresentar as práticas de devoção que ordinariamente impomos a todos.

c) Deviamos dar mais atenção ao que se denomina "educação assistemática". Como instruimos coletivamente, julgamos que podemos educar também, assim. Não se faz educação "em série". Instrução, pode ser. Mas... o 1.º aluno da 4.ª Série "A" pode ter educação diversa da do 1.º da 4.ª série "B".

d) Uma coisa de suma importância é a criação da **sala de orientação**, onde o diretor, ou quem o substituisse, possa entrevistar os escolares para incentivá-los nos seus ideais. Certas escolas já têm isto organizado, meramente profissional. Não valem objeções como estas: e o abuso de certos educadores? E o preconceito dos alunos que andam sempre farejando uma isca para a calúnia? E os Religiosos formalistas que procuram fazer o seu bem, em vez de deixar que se faça o bem, sem olhar quem o faz? Pois a resposta é simples: *abusum non tollit usum*. Não se fecha um colégio porque foi expulso um aluno, nem porque uma família lhe pregou um calote. Não se mata a humanidade, porque há suicidas. Não morre Deus porque há pecadores con-

tumazes. Não vamos deixar de praticar um bem porque há a possibilidade de um mal. Quanto aos alunos, urge renovar-lhes o espírito afeito à malícia, provando-lhes que, por um, não se aferem todos. Um clima de lealdade, de amizade e de confiança é que temos de criar entre eles e nós, para eles. Pelo que toca ao formalismo de certos Religiosos, cabe à boa formação pedagógica demolí-lo.

Devemos garantir o futuro da educação...

4.º) Empenhando as famílias numa colaboração mais séria com os colégios. No conjunto, as famílias só se empenham junto dos professores quando vêem as barbas dos filhos ardendo nas vésperas dos exames. E' urgente arranjar um sistema de aproximação com os pais dos alunos, para lhes dizermos que a educação é responsabilidade, antes, deles; e só depois nossa. Para isto não basta uma associação dos Pais dos Alunos, reunindo solenemente, uma vez por ano. Não é isto o que eu pretendo sugerir. Devia ser um serviço de formação oral tanto quanto possível, de 2 em 2, ou de 3 em 3 meses, por tal arte que os encarregados da educação dos alunos estejam dentro das mesmas vistas que nós, pois, muitas vêzes os nossos externos vão para a casa ouvir à mesa de jantar a crítica paterna à orientação do colégio. Dá-se, então, um esquiteamento na psicologia dos novos, o que é mortalmente nocivo a educação. A informação por escrito é incompleta e fria, concorrendo o mais das vêzes para agravar a situação. A conversa frente a frente com o diretor, faz cair muito mal-entendido, mormente, quando se vê a boa vontade em querer servir.

E vou concluindo, Exmos. Senhores: que já não é sem tempo.

A primeira vista até parece que ultrapassei o âmbito do tema de que me incumbiram: A FORMAÇÃO RELIGIOSA E PEDAGÓGICA DO EDUCADOR.

Estou certo, no entanto, que havendo união de vistas sôbre o que devemos fazer, melhor entenderemos todos, aquilo que devemos ser.

Já vou longe neste meu trabalho e estou sentindo acanhamento por haver forçado tanto a atenção dos meus senhores ouvintes. Tudo quanto aqui deixo expresso, não passa de uns alinhavos de idéias. Muitas já estão em marcha por aí. Outras, estou convencido, que se nos antolham inexequíveis pela soma de dinamismo que a sua aplicação implica. Faço votos a Deus porque todos nós, Educadores-Religiosos nos capacitemos de que educar é criar e resgatar. Criar, pode ser um prazer como o de Pai: Resgatar postula sangue, porque é obra do Filho que terminou no Calvário.

Sentir-nos-emos capazes de ambas as coisas, enquanto, em nós, não desfalecer o Espírito, que é o AMOR ETERNO DE DEUS.

CRÔNICA E COMUNICAÇÕES

UM CENTENÁRIO

O dia 14 de Abril de 1956 foi para a Congregação de Santo André, há 43 anos radicada no Brasil, um dia de fervorosas ações de graças. Há cem anos, na mesma data, a qual, em 1857, coincidia com a Terça Feira da Páscoa, um pequeno e jubiloso grupo de religiosas recebia em Tournai (Bélgica), das mãos de Sua Excelência D. Gonella, Núncio Apostólico na Bélgica, especialmente delegado por Sua Santidade o Papa Pio IX, o Código que daí em diante havia de orientar a sua vida, sob a bandeira de Santo Inácio de Loiola: as Regras e Constituições da Companhia de Jesus. Bem podia a comunidade fazer sua a triunfal exclamação da semana pascoal: "É este o dia que o Senhor fez; exultemos e regozijemo-nos nêle".

Por que vias misteriosas foi o antigo mosteiro — nascido em 1231, na orla da velha cidade de Tournai — guiado pela Divina Providência, por sucessivas etapas, para tão faustoso acontecimento?

A Sabedoria divina, que, no dizer de Bossuet, abalaria o mundo inteiro se assim o reclamasse o bem duma só alma, serviu-se dum medonho vendaval, o da Revolução Francêsa, para encaminhar, suave e paternalmente a transformação dum dos inúmeros conventos que recamam o solo da católica Bélgica, em Congregação apostólica, adaptada às necessidades do mundo atual e chamada a servir onde aprouvesse à sua infinita Bondade.

Não carece de episódios, às vezes dramáticos, e sempre interessantes, a longa existência desta família religiosa que, movida pela mão do Pai, foi acompanhando desde a sua origem a evolução espiritual da sociedade cristã.

O século XIII, apogeu da Idade Média, viu suceder à era das cruzadas, a das célebres peregrinações em demanda dos mais veneráveis lugares da cristandade. Os romeiros iam a pé, em espírito de penitência, e não raro haviam de passar as noites ao relento, e os dias sem alimentos. Tournai, o Tornacum dos Romanos, ponte de bifurcação de duas grandes vias, acolhia frequentemente aqueles piedosos viandantes. Duas idealistas donzelas, inspiradas pela caridade, consagraram seus bens à fundação duma hospedaria a qual não tardou em tornar-se convento, colocado sob o patrocínio do Apóstolo Santo André.

Numerosas epidemias grassavam naqueles tempos na Europa inteira. Por outra parte, esmorecera o movimento das longas peregrinações. A hospedaria primitiva mudou-se então em Santa Casa de Misericórdia, e a heróica caridade das monjas, escolheu como especialidade da sua dedicação a mais repugnante das doenças contagiosas, chamada pelo povo "mal dos ardentes". Assim decorreram três séculos.

Nos primórdios da Idade Moderna, ao lado de ingentes transformações políticas e do arrefecimento da fé, surgiu, como sói acontecer, uma onda

de fervor religioso, sobretudo após o Concílio de Trento. A Santa Casa de Misericórdia não abrigava mais os seus míseros hóspedes, e, ao mesmo tempo, cresceu entre as religiosas a aspiração para uma vida de austeridade e de contemplação. A Regra de Santo Agostinho foi adaptada ao novo gênero de vida de Santo André por um eminente jesuita, o Revmo. Padre Antônio Civoré, residente em Tournai, e que escreveu também para uso de suas Filhas, um belo Tratado de vida ascética e mística.

Entrementes, na segunda metade do século XVII, se difundiam por toda parte os anseios para a educação feminina. Fenelon, Arcebispo de Cambrai, do qual dependia o mosteiro de Santo André, publicou seu famoso livro: "*De l'éducation de Filles*". Aos poucos, para anuir aos desejos de diversos senhores da redondeza, foram introduzidas no mosteiro algumas pensionistas; e no século XVIII os claustros do convento ressoavam com os écos da juvenil alegria dum bando sempre crescente de meninas. Foi preciso alargar as construções do recinto: pois a fama do novel educandário se foi espalhando até a própria Inglaterra.

Estava em plena prosperidade, apesar das intromissões do Rei Sacristão, D. José II da Áustria, quando o trovão das armas republicanas veio lançar por terra a obra, expulsar as religiosas e dispersar as educandas, destruindo parcialmente o antigo convento. Resistiu varonilmente a intrépida priora Madre Serafina Hauvarlet; quando triunfou a violência, longe de se deixar abater pelo tremendo golpe, ela abriu um "atelier" de confecções dirigido pela "Cidadã Hauvarlet", e, confiante na divina Providência, esperou tempos melhores. Estes tempos vieram sob o Império, e, tendo comprado de novo os terrenos devastados, aguardou a hora, que devia ver antes da sua morte, para reencetar a vida religiosa. Não ficou inativa, e uma modesta Instituição de educação abriu-se não longe do antigo convento. Porém as religiosas de antanho, ou estavam alquebradas pela idade, ou dispersas, e as "*demoiselles de Saint André*", isto é Madre Hauvarlet e algumas almas generosas recommçaram a obra apostólica. Infelizmente o Congresso de Viena colocou a católica Bélgica sob o talão da protestante Holanda, e foi terminantemente proibida a fundação ou a reabertura dos educandários dirigidos por Congregações religiosas.

A liberdade que se seguiu à proclamação da Independência permitiu a realização do piedoso sonho, e grandiosos edifícios foram reconstruídos sobre as ruínas do amado e venerável mosteiro. Terminadas as obras, as felizes refundadoras chefiadas pela santa e sábia Madre Delattre, reassumiram o hábito religioso e consagraram-se em 1836 ao Senhor na jubilação das suas almas.

Todavia restava por ser dado um grande e necessário passo. Se o Colégio se encheu quase imediatamente, todas sentiam o desajustamento que existia entre as antigas regras ainda praticadas, e a evolução rápida da pedagogia moderna; outra aspiração ia crescendo também: a de dilatar a ação apostólica além dos limites dum mosteiro autônomo.

Nova e admirável intervenção da Providência! E Ela se serviu mais

uma vez duma revolução religiosa. O Reverendíssimo Padre Roothaan, Geral da Companhia de Jesus, expulso de Roma pela revolução de 1848, estava na Bélgica e entrou em relações com as novas religiosas. Amigos influentes apoiaram a súplica que elas lhe fizeram de verem traduzidas as Constituições de Santo Inácio. e com suma benevolência, Sua Reverendíssima incumbiu da referida tradução o Padre Jennesseaux, Jesuíta francês, também residente, e por motivos semelhantes, na hospitaleira Bélgica. O trabalho prosseguiu rapidamente, não todavia sem encontrar provações e contradições poderosas. Mas "se Deus é por nós quem estará contra nós?" E o dedo do Pai manifestou mais uma vez e dum modo extraordinário que queria ver Santo André dirigido pelo espírito inaciano.

Colocado momentaneamente o Instituto nascente sob a jurisdição imediata e exclusiva da Santa Sé, por ordem do Papa Pio IX, Sua Excelência D. Gonella veio pessoalmente promulgar, no inolvidável dia 14 de Abril, as almejadas Constituições. Dora em diante a Congregação de Santo André podia alongar as suas vistas além dos seus estreitos limites, e prontificar-se a trabalhar, qual modesto mas resoluta batalhão, em qualquer recanto indicado pela Mão do Pai.

Agora, espalhado sôbre três continentes, o Instituto festeja com humilde gratidão o centenário do seu renascimento, abrindo três novos centros de apostolado: Lovaina, na Bélgica; no Congo um terceiro posto, situado em pleno sertão; e no Brasil, um quinto rebento, que como em Jaboticabal, São José do Rio Preto, São João da Boa Vista e a própria Capital, almeja estender o reino de Cristo. Campinas será doravante o centro das atividades religiosas da Congregação em Terras da Santa Cruz, sendo casa de formação espiritual e intelectual das futuras obreiras da maior glória de Deus!

Irmãs Franciscanas do Coração de Maria

Justo e santo júbilo trouxe o mês de dezembro à Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, sendo portador de insigne graça concedida pela Santa Sé: a Aprovação Definitiva da Congregação e de suas Constituições.

Este ramo da grande árvore franciscana despontou no comêço do século, no ano Santo de 1900, na cidade de Piracicaba, sob os cuidados do ardoroso missionário capuchinho Pe. Frei Luiz Maria de São Tiago, diretor espiritual da fundadora Da. Antônia Martins de Macedo (posteriormente Madre Cecília do Coração de Maria) e das primeiras companheiras de ideal. O Imaculado Coração de Maria foi a inspiradora e guia da nova família. Cresceu e se difundiu, acolhendo boas e numerosas vocações.

Em 1930, a conselho do Exmo. D. Francisco de Campos Barreto, a Casa Generalícia e o noviciado foram trasladados para Campinas, cidade mais propícia ao desenvolvimento da Congregação. Aos 2 de dezembro de 1945 a Congregação — que já havia disseminado pelo Brasil suas diversas obras de assistência: asilos, lares-escolas, creches, hospitais, colégios com

curso primário ginasial e normal, escolas profissionais e de enfermaegm, etc. — foi agraciada pela Santa Sé com o "Decretum Laudis", que a colocou entre as de Direito Pontifício. Mais alguns anos decorreram e finalmente, aos 6 de dezembro de 1956 foi assinado em Roma o Decreto de Aprovação definitiva da Congregação e de suas Constituições.

Pela Procuradoria Capuchinha da Cidade Eterna transmitiu-se imediato aviso e, com brevíssimo prazo, em 12 de dezembro, eram recebidos em Campinas o Decreto Pontifício e as novas Constituições.

Celebrava-se então, presidido por S. Excia. D. Paulo de Tarso Campos, o 12.º Capítulo Geral da Congregação, no qual foi feita a postulação da Superiora Geral Revma. Madre Angelina Maria da Sagrada Face, que por 12 anos vinha dirigindo os destinos da Congregação. Graças às disposições da Divina Providência e ao dedicado empenho dos Padres Capuchinhos, procuradores da Congregação em Roma, a confirmação da Santa Sé foi transmitida com a máxima presteza, apenas 8 dias depois. Continuaram-se então os atos capitulares, sendo eleito o Conselho Geral composto das Revdas. Madres: Teófila de Maria Imaculada, Cecília Maria de São Francisco, Teresa Maria de Jesus Crucificado, Cristina Maria de São José. Secretária Geral Madre Maria Madalena de São Francisco.

Destas colunas temos o prazer de apresentar à Revma. Madre Geral e a seu novo Conselho os melhores votos para um ótimo governo, e a toda a Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria nossos sinceros parabens pela aprovação definitiva obtida, aprovação que, além de tudo, coloca-a em primeiro plano entre as grandes fundações religiosas brasileiras.

CURSO DE DESENHO PROMOVIDO PELA C. R. B.

Tendo começado no dia 8 de janeiro deste ano e encerrado em 21 de fevereiro do mesmo, transcorreu o Curso de Desenho de Propaganda, para Religiosos com o mais sincero e fraternal entusiasmo.

Teve como local o Instituto Técnico Oberg, situado à Av. Presidente Vargas, nesta Capital, generosamente cedido pelo Sr. Lamartine Oberg, Diretor, que pôs à disposição dos Religiosos um de seus melhores professores, Sr. José Walmor, por ter precisado se ausentar em viagem de estudos à Europa.

Foram inscritos 28 alunos, Religiosos e Religiosas sendo que apenas 20 terminaram o curso. As aulas, duas vezes por semana de 2 horas cada uma, eram animadas e proveitosas pelo estudo prático que punha os alunos em contacto direto com os problemas de geometria elementar, côres, letras, técnica de tintas, "rough" e "Lay-outs", bases essenciais para o desenvolvimento do desenho de propaganda.

Muitos talentos surgiram neste curso e o número elevado de trabalhos que chegou a 350, revela o interesse que todos os alunos tiveram pelo curso e o desejo de aproveitarem de ocasião tão propícia. Dos trabalhos, 100 ficaram para a exposição no Instituto Técnico Oberg e para a exposição final

O encerramento das aulas teve lugar no dia 21 de fevereiro com a presença do Revmo. Sr. Pe. Irineu Leopoldino de Souza, Secretário Geral da Conferência dos Religiosos, o Prof. José Walmor e todos os alunos. Falou em nome dos Religiosos o Revmo. Sr. Pe. Aloisio Biasek que com palavras de sincero agradecimento, exaltou as iniciativas da C. R. B. em favor dos religiosos, principalmente os inúmeros cursos de férias que abrem aos que já têm os conhecimentos especializados, novos campos e novos horizontes no trabalho da atualização das Congregações Religiosas. Manifestou, também, a colaboração preciosa do Instituto Técnico Oberg, o interesse do Prof. José Walmor e enfim o conjunto dos alunos que junto ao professor desenvolvem tão bem suas atividades.

A entrega de certificados será feita no dia 17 de março, presidindo a solenidade S. Excia. Revma. Sr. Cardeal D. Jaime Câmara, com a presença da Diretoria da C. R. B. e demais religiosas e religiosos.

Espera a C. R. B. e confia, que a despedida dêste curso seja apenas um intervalo para os religiosos voltarem aos seus deveres quotidianos, muitos dos quais já são professores de desenho nas escolas, e que nas próximas férias estejam aqui, novamente, para um 2.º período em continuação a êste e que uma nova turma inicie a sua primeira etapa, no Curso de Desenho de Propaganda, para Religiosos.

Ao Diretor do Instituto Técnico Oberg e ao Prof. José Walmor foram oferecidas duas piedosas e artísticas lembranças, como expressão dos agradecimentos da 1.ª turma de Religiosos do Curso de Desenho de Propaganda.

NOVAS FUNDAÇÕES

Pedro Leopoldo, M. G. — A Autoridade Eclesiástica diocesana está interessada na vinda de uma Congregação Religiosa Feminina para o Hospital da cidade de Pedro Leopoldo. Trata-se de um Hospital que acaba de ser encampado pela Comissão do Vale do São Francisco, a qual deseja entregar a Administração a Religiosas. A cidade dista de Belo Horizonte apenas 30 minutos de carro, por ótima estrada, inteiramente pavimentada. É cidade progressista, de povo bom e católico. Fica assegurada a assistência religiosa, pois há vários sacerdotes que residem na cidade.



DO SERVIÇO DE PROCURADORIA

PEDIDOS DE VERBAS PARA 1958.

Lembramos às Entidades, que estamos na ocasião oportuna, para os pedidos de subvenções para o próximo ano, aos senhores deputados federais. No mês de Maio, o Orçamento é levado à Câmara, para que sejam feitas as emendas.

A Instituição deverá dirigir-se aos deputados amigos e possivelmente destacar um dos seus elementos para mandar ao Rio, durante uma ou duas semanas, a fim de falar pessoalmente aos deputados. Convém que o pedido se faça acompanhar de recomendações das autoridades locais e tanto quanto possível daquelas que pertençam à mesma linha partidária que o deputado.

Os pedidos devem vir acompanhados de fotografias, relatórios das atividades da obra, sua finalidade e finalmente a importância de que se necessita. Informar também que a entidade é pessoa jurídica devidamente registrada no Conselho Nacional de Serviço Social, do Ministério da Educação e Cultura, — ou que é mantida por outra entidade devidamente registrada.

Para maior êxito neste trabalho é preciso pedir muitas verbas para obras diversas. Pedir com perseverança e insistência não desanimando com o primeiro insucesso, fazer pedidos razoáveis, na importância desejada.

A REVISTA DA CONFERENCIA, em seus números 10 e 11, publicou a relação dos Senhores Deputados com os respectivos endereços. Como muitos mudaram de residência, poderá a correspondência ser dirigida para: Câmara dos Deputados — Palácio Tiradentes — Rio de Janeiro.

HABILITAÇÃO DAS SUBVENÇÕES DO CORRENTE ANO

Grande número de instituições já remeteu a documentação necessária para habilitar as verbas do corrente ano. Outras no entanto, apesar de nossas reiteraões até o momento não remeteram os documentos pedidos. Esclarecemos que há toda conveniência em se remeter o quanto antes a documentação solicitada, porquanto os pagamentos são feitos obedecendo à ordem cronológica dos números dos processos. Assim, quanto mais cedo vier a documentação, tanto mais rápido será o pagamento.

Recomendamos especial atenção, para as verbas em regime de "Acôrdio". — São processos mais demorados e de documentação mais complexa. É necessário que as Entidades contempladas com verbas desta natureza, nos remetam com toda urgência os documentos para iniciarmos logo o processo de habilitação e assinatura do "acôrdio".